



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Liege Aparecida Costa Alvim
Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa (Orientador)

**Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de classe média que cursaram a
Educação Profissional Técnica de Nível Médio na RFEPCT**

Belo Horizonte

2023

Liege Aparecida Costa Alvim

**Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de classe média que cursaram a
Educação Profissional Técnica de Nível Médio na RFEPCT**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Ciência, Tecnologia e Trabalho: abordagens filosóficas, históricas e sociológicas

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa.

Belo Horizonte

2023

Alvim, Liege Aparecida Costa.
A475v Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de classe média que cursaram a Educação Profissional Técnica de Nível Médio na RFEPCT / Liege Aparecida Costa Alvim. – 2023.
93 f. : il.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica.
Orientador: José Geraldo Pedrosa.
Inclui referências.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

1. Jovens - Guias de experiência de vida. 2. Jovens - Conduta. 3. Ensino técnico. I. Pedrosa, José Geraldo. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título.

CDD: 305.235



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC nº. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Liege Aparecida Costa Alvim

**“VISÃO DE MUNDO E PROJETOS DE VIDA DE ESTUDANTES DE CLASSE
MÉDIA QUE CURSARAM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL
MÉDIO NA RFEPECT”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 31 de agosto de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa – Orientador
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Maria Isabel Rios de Carvalho Viana
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Elaine Kendall Santana Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço e empenho, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização deste sonho. Confesso que, por várias vezes, pensei que talvez este dia não fosse chegar. Foram muitos acontecimentos marcantes durante esses anos. Despedi-me de pessoas que acreditava que estariam aqui para presenciar este momento; vi o mundo se modificar devido a uma pandemia, a qual deixou cicatrizes enormes em todos. Porém, durante todo tempo, buscava trazer à memória aquele que me manteve até aqui e me deu esperança de que este dia chegaria.

É para Ele que inicio meu mais verdadeiro e sincero agradecimento. Deus, você é massa demais, porque é assim que nos falamos. Você é perfeito e tenho certeza de que é o único merecedor de toda honra e glória. Obrigada por estar comigo e não largar a minha mão, além de não deixar minha mente se perder e me capacitar para que, de alguma forma, a sua história seja conhecida através da minha vida.

Agradeço à minha mãe Marli, ao meu filho Davi, ao meu irmão Bruno e a todos os meus familiares que foram compreensivos e, muitas vezes, privados da minha companhia, atenção, cuidado e carinho. Sou imensamente grata pelo profundo apoio e pelas orações incansáveis em prol da minha vida. O encorajamento constante que recebi de vocês foi essencial para minha motivação e perseverança. Sou encorajada por tê-los ao meu lado durante essa jornada acadêmica.

Davi, você é minha pessoa, meu favorito, meu bagunceiro, meu orgulho, minha certeza de que o futuro será melhor. Amo você infinitamente.

Ao meu marido e companheiro, Heitor, meu eterno agradecimento por acumular muitas do que deveriam ser minhas responsabilidades, por enxugar minhas lágrimas e por me fazer rir nos dias mais difíceis. Seu valioso e incansável apoio foi definitivo em todos os momentos deste sonho. Amo você, meu velhinho!

Quero agradecer, em especial, ao meu orientador, professor Dr. José Geraldo Pedrosa, a orientação, a paciência e os conhecimentos compartilhados ao longo desse processo. Sua presença, escuta, conselhos, risadas e comentários únicos, dignos de um *stand-up*, foram fundamentais para a condução da pesquisa e para a qualidade deste

trabalho. Suas contribuições críticas foram essenciais para o meu crescimento e, hoje, tenho certeza de que, além da formação acadêmica, minha formação humana foi transformada.

Também quero agradecer às professoras Dra. Elaine Kendall Santana Silva e Dra. Maria Isabel Rios de Carvalho Viana toda a dedicação de tempo e expertise na avaliação deste trabalho. Suas sugestões e comentários serão muito enriquecedores para aprimorar a qualidade da dissertação.

Sou imensamente grata aos colegas de curso, colegas de trabalho e amigos que compartilharam ideias, discutiram conceitos e me ofereceram apoio emocional ao longo dessa jornada. As contribuições de vocês foram inestimáveis e tornaram essa experiência ainda mais significativa.

Agradeço, ainda, aos jovens que concederam as entrevistas e dividiram suas histórias, seus projetos e seu tempo comigo de forma tão verdadeira e sincera. Valeu, jovens!

Não poderia deixar de mencionar o CEFET-MG, instituição que me concedeu total apoio e a oportunidade de estudar em uma escola que está tão engajada e comprometida com a formação integral de seus alunos, além de buscar formar, mediante os ensinamentos, uma sociedade igualitária. Esta pesquisa teve seu sentido amplificado por ser idealizada nesse campo de possibilidades.

A todos que, de alguma forma, participaram deste trabalho o meu mais sincero agradecimento. Sem o apoio de vocês, esta conquista não seria possível. Gratidão.

RESUMO

Esta dissertação é sobre projetos de vida e visões de mundo de estudantes de classe média e oriundos de escolas privadas que cursaram a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), nos anos de 2017 a 2019, modalidade integrada no CEFET-MG. Para tanto, fez-se uma vinculação ao trabalho de Simões (2019), que desenvolveu pesquisa semelhante, mas voltada a alunos que estudaram em escolas públicas e que foram beneficiados pela Lei de Cotas. A presente pesquisa tem como objetivo compreender, a partir das narrativas desses jovens, a experiência vivida por eles no ambiente da EPTNM, da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPT), além de entender como esse ambiente afetou suas visões de mundo e seus projetos de vida. Nesse sentido, realizou-se um estudo de natureza qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com seis estudantes egressos do CEFET, com faixa etária entre 20 e 21 anos. Quanto à base teórica que fundamentou esta investigação, destacam-se os estudos de Simões (2019) e Velho (1999) acerca de projetos de vida e de visão de mundo. Dessa forma, identificaram-se os projetos e as visões de mundo dos alunos, bem como a maneira com que estes o enxergam. Com o desenvolvimento deste estudo, constatou-se que as experiências na EPTNM, na RFEPT, são extensas, intensas e integram múltiplas vivências e convivências, capazes de despertar mudanças no horizonte, na autonomia e na maturidade dos sujeitos. Tais mudanças permitiram ampliar, expandir, repensar e refazer os modos de ver, viver e agir dos jovens no mundo. Destaca-se entre essas o interesse dos participantes por temas relacionados à política e à sociedade. Nota-se, ainda, que, embora façam parte de realidades socioeconômicas privilegiadas, os jovens de classe média demonstram inquietude em relação à condição de pobreza de parte da sociedade, ou seja, é notório como o ensino oferecido no CEFET-MG contribuiu para a aquisição de uma consciência social. Diante disso, atividades que despertam a ampliação de horizonte dos jovens são importantes mecanismos para o desenvolvimento da habilidade de pensar criticamente sobre os problemas que fazem parte da sociedade.

Palavras-chaves: Juventude. Projetos de vida. Visão de mundo. EPTNM.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the life projects and worldviews of middle-class integrated-mode students from private schools who received a EPTNM at CEFET-MG from 2017 to 2019. Drawing inspiration from previous research by Simões (2019), which centered on students from public schools benefiting from the Affirmative Action Quota Law, this study seeks to understand the experiences of young individuals in the EPTNM environment within the RFEPCT, and how this environment has influenced their worldviews and their life projects. To do this, a qualitative investigation was conducted, employing semi-structured interviews with six CEFET students aged between 20 and 21 years. The theoretical framework supporting this research draws from studies by Simões (2019), and Velho (1999), specifically on life projects and worldviews. The findings of this study revealed that the experiences with EPTNM within the RFEPCT are extensive, intense, and encompass various forms of interaction, consequently leading to profound transformations in student outlooks, autonomy, and maturity. These changes facilitated a broader, more reflective, and redefined understanding of how young people perceive, engage with, and act in the world. The heightened interest among the students in relation to topics like politics and society was particularly noteworthy. Additionally, despite belonging to privileged socioeconomic backgrounds, middle-class youth displayed concern for the impoverished portions of society. This indicates that the education provided by CEFET-MG plays a significant role in cultivating social conscientiousness amongst its students. Consequently, it is crucial to implement activities that encourage young individuals to broaden their horizons, e.g., initiatives that foster the development of critical thinking skills to handle challenges prevalent in society.

Keywords: Youth. Life projects. Worldviews. EPTNM.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Perfil dos sujeitos participantes	66
QUADRO 2 - Perfil dos pais dos sujeitos da pesquisa	67
QUADRO 3 - Expectativas dos sujeitos em relação ao coletivo	72
QUADRO 4 - Expectativas dos sujeitos em relação ao próprio futuro	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAAE	– Certificado de Apresentação para Apreciação Ética.
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CEFET-MG	– Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.
CEP	– Comitê de Ética em Pesquisa.
ENEM	– Exame Nacional do Ensino Médio.
EPTNM	– Educação Profissional Técnica de Nível Médio.
RFEPCT	– Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica.
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 JUVENTUDES, PROJETOS DE VIDA E VISÃO DE MUNDO	21
1.1 Os jovens de classe média no Brasil.....	21
1.2 Sobre os conceitos de campo de possibilidades, projetos de vida e visão de mundo .	25
2 NARRATIVAS JUVENIS: SUJEITOS DE CLASSE MÉDIA NA EPTNM DA RFEPCT	29
2.1 A história da iluminada Helena	29
2.2 As ambições de Adelita	35
2.3 Bill, o TDAH da computação	40
2.4 A história de Nathan	46
2.5. O percurso de Micaela	52
2.6 A simples e moderna história de Lina Bo Bardi.....	59
3 ANÁLISE A PARTIR DA ESCUTA DOS PROJETOS DE VIDA E DA VISÃO DE MUNDO DE JOVENS DE CLASSE MÉDIA DA EPTNM DA RFEPCT	65
3.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa.....	66
3.2 RFEPCT: um campo de possibilidades já conhecido por jovens de classe média.....	68
3.3 As visões de mundo de jovens de classe média da RFEPCT	70
3.4 Projetos de futuro de jovens de classe média: antes e depois da RFEPCT.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
APENDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	81
APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	84
APENDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E/OU IMAGEM (gravação com áudio).....	88
ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	90

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação envolve a presença de jovens de classe média e oriundos de escolas privadas na modalidade integrada da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPECT). Trata-se, especificamente, de um estudo sobre a eventual relação entre campo de possibilidades e projetos de vida de jovens de classe média que cursaram a EPTNM na forma integrada, na RFEPECT nos anos de 2017 a 2019.

A opção pela expressão “projetos de vida”, que será aqui utilizada, foi feita em função de que ela assume a tratativa de múltiplas questões vinculadas ao modo de “pensar e ser dos jovens” sobre sua vida no presente e sobre o futuro: intenções, planos, expectativas, sonhos, fantasias e medos.

O presente estudo surgiu a partir da dissertação intitulada “Projeto de futuro de jovens da educação profissional técnica de nível médio da RFEPECT, atendidos pela lei nº12.711/2012 (LEI DAS COTAS)”. Essa dissertação é de autoria de Simões (2019) e foi realizada na linha de pesquisa “Ciência, Tecnologia e Trabalho: abordagens filosóficas, históricas e sociológicas”, do Programa Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Buscando estudos correlatos, foi identificada a dissertação de Simões (2019), que foi orientada pelas análises de projeto de vida (Velho, 2003) de jovens atendidos pela lei de cotas, que cursavam, na modalidade integrada, a EPTNM, na RFEPECT. Simões teve como objetivo compreender a relação entre as possibilidades e experiências vividas na EPTNM da RFEPECT como um novo campo de possibilidades e os projetos de futuro que puderam ser construídos. Os sujeitos da pesquisa de Simões (2019) eram de famílias de baixa renda, autodeclarados negros ou pardos e beneficiados pela lei de cotas (Lei 12.711/2012). Para tal, a pesquisa foi executada por meio de entrevistas semiestruturadas com nove jovens da unidade de Divinópolis da RFEPECT no interior de Minas Gerais.

Nas palavras de Simões (2019), o problema de sua pesquisa foi compreender quais eram os projetos de futuro de jovens estudantes da EPTNM, os quais eram atendidos pela política de cotas. Além disso, o autor investigou como esses projetos se relacionavam com as possibilidades e com as experiências vividas na RFEPECT.

As referências teórico-metodológicas, nesse sentido, vêm da perspectiva antropológica de Gilberto Velho e suas elaborações conceituais referentes a projetos e

campo de possibilidades. Velho (2003) define projeto como uma conduta voltada a propósitos específicos, tornando-se uma antecipação do futuro. Tais projetos podem sofrer mudanças quando as experiências vividas em um campo de possibilidades afetam a relação do sujeito com seu tempo e espaço, interferindo diretamente em seus projetos. Para o autor supracitado, o sujeito traça seu projeto em meio ao campo de possibilidades em que está inserido. O campo de possibilidades é um conceito fundamental para compreender a forma pela qual os projetos se modificam ao longo da vida, com coerência ou não.

Simões (2009) definiu como sujeitos de sua pesquisa os estudantes que atendiam simultaneamente a todos os critérios estabelecidos para direito à reserva de vagas, que adentraram o CEFET no ano de 2016 e com trajetória na EPTNM próxima de ser concluída.

Simões (2019) relatou as interferências provocadas nos projetos de vida a partir das vivências que tais jovens tiveram em um ambiente escolar diverso daqueles antes já frequentados pelos sujeitos de sua pesquisa, em geral escolas públicas de periferia, de tempo parcial e com problemas estruturais. Nesse viés, as descobertas de Simões (2019) são no sentido de que os jovens cotistas já chegavam à RFEPCT com seus projetos esboçados e com perspectivas de futuro escolar. A novidade é que as experiências numa escola pública federal, bem estruturada arquitetonicamente, bem equipada e de tempo integral possibilitavam a consolidação e, até mesmo, a ampliação dos projetos individuais de futuro.

As descobertas feitas por Simões (2019) trouxeram luz às relações entre as possibilidades e experiências propiciadas pela RFEPCT e os projetos de futuro dos jovens. De acordo com Simões (2019), as narrativas dos alunos o permitiam afirmar que:

a experiência na EPTNM se mostrou capaz de promover mudanças qualitativas em suas perspectivas e autonomia, mudanças estas suficientes para permitir aos jovens-sujeitos, entre outras, repensarem-se, refazerem a própria autoimagem e autoestima, modificarem seu modo de ver, viver e agir no mundo, e superarem alguns limites postos pelas circunstâncias socioeconômicas e culturais. (SIMÕES, 2019, p.178).

Desse modo, para Simões (2019), o acesso e a permanência na RFEPCT tornam-se novo campo de possibilidades para esses jovens cotistas, permitindo-lhes uma nova visão de mundo dentro de um espaço de experiências que influenciam o delineamento dos projetos de vida.

É justamente na juventude que o pensamento, a imaginação, a memória, entre outras funções psicológicas, tornam-se complexos a partir das novas relações do indivíduo com a realidade. Assim, ocorre nesse momento a ampliação da consciência de si e do meio, mobilizada pelo desenvolvimento do pensamento e de novos interesses e aspirações (Barbosa, 2017; Barbosa & Souza, 2015.)

Barbosa (2017) afirma que os modos criativos dos jovens apresentam maior complexidade em função das suas experiências e da expansão de seus pensamentos, que ganham múltiplas qualidades. Esse processo permite ao jovem projetar-se em outras realidades, outros episódios não vivenciados, ampliando panoramas em relação a criar novas expectativas e projetos de vida.

A experiência escolar como mediadora do sujeito jovem com o mundo em que ele vive é vista não só pelo seu valor de modificação para o jovem, mas como uma forma de progresso pessoal, essencial e necessária para a análise e para a compreensão crítica do mundo ao seu redor (DAYRELL, 2003). Dessa forma, no campo de possibilidades que permite o encontro com outros grupos, a relação do sujeito com suas perspectivas pode ser afetada e, conseqüentemente, há a reelaboração da visão de mundo e a redefinição de projetos de vida.

O contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em uma classe socioeconômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis. (VELHO, 1999, p. 20)

Sob a ótica de Dayrell (2003), a concepção de juventude aqui apropriada abrange uma fase da vida em que se permanece mais tempo em condições incertas, inseguras, em que se tornam mais comuns e intensos os sentimentos de angústia e ansiedade. A fase jovem da vida é marcada como uma condição não apenas ligada à faixa etária. Sob a ótica de Dayrell (2011), é possível afirmar que a juventude é marcada pelas experiências de jovens, ou seja, é o período no qual eles vivem e sentem de acordo com o contexto sociocultural em que se inserem. Isso significa que a juventude é

uma categoria que não se reduz a uma faixa etária, mas que é socialmente construída e ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude pode ser entendida como uma categoria dinâmica, transformando-se à medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. (DAYRELL, 2003, p. 37).

Isso possibilita um entrelaçamento de juventudes, campo de possibilidades, projeto de vida e visão de mundo. Dayrell (2003) reconhece, então, o campo de possibilidades existentes como extensão social e espaço para alargamento dos projetos, driblando uma cultura de projeto ligado apenas ao querer ou à vontade intrínseca dos sujeitos. Os projetos dependem diretamente do campo de possibilidades, isto é, cada jovem desenvolve seu projeto de futuro a partir do seu campo de possibilidades, acrescido como seu contexto sociocultural e sua forma de enxergar o mundo.

De acordo com Dayrell (2007), a combinação entre juventude e escola tem sido debatida, mas o problema não se reduz a análises simples, como apenas ao desinteresse dos jovens e a sua busca por prazer como finalidade de vida, como afirmam os professores, nem apenas à escola, que se mostra distante da realidade e dos interesses de seu público, como dizem os estudantes. A ideia do autor é que as aflições na relação entre o jovem e a escola na contemporaneidade são, na verdade,

expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (DAYRELL, 2007, p. 1.106).

Nesse panorama, a perspectiva de vida de um sujeito relaciona-se ao planejamento e à organização da forma de viver, processo no qual ele se prepara para alcançar as condições necessárias para dar prosseguimento à vida que se tem ou à que se estima ter.

Face ao exposto, a questão que orientou a presente pesquisa foi sobre como jovens de classe média e provenientes de escolas privadas avaliam suas experiências formativas no ambiente da EPTNM da RFEPCT, além de identificar quais seus efeitos em suas visões de mundo e em seus projetos de vida. Para isso, selecionaram-se seis jovens que atendiam aos objetivos da pesquisa, a saber: localizar, no discurso dos sujeitos da pesquisa, lembranças e interpretações referentes às experiências formativas no âmbito da EPTNM da RFEPCT; identificar elementos constituintes da visão de mundo e do projeto de vida dos sujeitos da pesquisa e analisar os nexos entre visão de mundo, projeto de vida e o lugar atribuído à EPTNM da RFEPCT como campo de possibilidades.

A escolha de uma unidade da RFEPCT como locus da pesquisa na qual os sujeitos foram abordados não foi aleatória na pesquisa de Simões (2009), nem neste trabalho. Trata-se da única escola da cidade pertencente à Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, que oferece ensino médio integrado à educação técnica. Além disso, a autora deste trabalho é de Divinópolis, onde o CEFET-MG se consolidou como uma instituição bem avaliada pelo MEC e com significativo reconhecimento social. Um

centro educacional laico, público, gratuito e de tempo integral, sempre bem posicionado nos resultados do Enem se comparado às demais escolas da cidade. Quando se considera o estado de Minas Gerais, a instituição ocupa a terceira maior média entre todos os colégios. Além disso, o CEFET-MG recebeu nota 5 (nota máxima) na avaliação institucional realizada pelo MEC em 2020.

No Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020, é possível perceber características marcantes dessa importante instituição educativa. Entre os propósitos anunciados, constam: a formação de cidadãos críticos, competentes e solidários; o desenvolvimento científico, tecnológico e sociocultural inclusivo e sustentável; a oferta de ensino verticalizado na área tecnológica, do técnico de nível médio a pós-graduação *stricto e lato sensu*; o compartilhamento do uso dos espaços acadêmicos, com a utilização de laboratórios, bibliotecas, salas de aulas e de outros ambientes institucionais por alunos de todos os níveis de ensino, tornando-se, assim, uma escola com ambientes compartilhados e diversificados; a participação conjunta dos alunos dos cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação em projetos e em grupos de pesquisa. Situado na cidade há mais de 20 anos, pode-se dizer que o CEFET-MG/Campus Divinópolis é uma instituição respeitada, fato que a faz ter notoriedade e, com isso, apresentar um vasto campo de possibilidades e de experiências aos jovens no que se refere às visões de mundo e aos projetos de futuro.

Atualmente, o campus ocupa uma área de 32.471,73m², com 8.453,88 m² de área construída. A sede própria é composta por 06 prédios (02 escolares, 01 administrativo, 01 sociabilidade, 01 portaria e 01 ginásio poliesportivo), nos quais há salas de aulas equipadas com projetores tipo *Datashow*; laboratórios para aulas práticas; biblioteca; salas administrativas; auditório; gabinetes para professores; sala de multimeios e videoconferência; sala de professores; espaço de sociabilidade; restaurante universitário com fornecimento de almoço e de jantar; apoio pedagógico, psicológico, odontológico e assistência social; acesso à internet sem fio para todos os alunos e servidores. Tudo isso em meio à área verde e muito próximo ao campus da Universidade Federal de São João del Rei e à Universidade do Estado de Minas Gerais, na cidade de Divinópolis.

Além da estrutura física, as relações vividas em tempo integral pelos alunos tornam o CEFET uma escola com visibilidade e legitimidade social composta por um ambiente acolhedor, capaz de estimular a autoestima, o empenho e a criatividade dos estudantes.

Dessa forma, o lócus da pesquisa foi considerado como um campo de possibilidades que permite aos jovens uma relação de compromisso com o presente, permitindo-lhes a elaboração de novos projetos de futuro (Velho 1999). Para o referido autor,

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua auto percepção de individualidade singular. Por sua vez, a essa consciência da individualidade – fabricada dentro de uma experiência cultural específica – corresponderá uma maior elaboração de um projeto. (VELHO, 1999, p. 32).

Com relação aos levantamentos feitos no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, onde se encontram cadastradas as produções acadêmicas nacionais, no ano 2021, ao verificar as relações entre o CEFET Divinópolis (lócus da pesquisa) e as visões de mundo dos sujeitos em questão, relacionando o presente e fomentando a ampliação e elaboração de novos projetos de vida (Velho,1999), constatou-se que tais aspectos ainda são fatores pouco abordados.

A partir do mapeamento das pesquisas disponíveis na CAPES, chegou-se à conclusão de que não há estudos dessa natureza já produzidos. Nessa fonte, foram realizadas consultas tendo como referência oito expressões/descriptores: “estudantes de renda média da EPTNM”; “estudantes de renda média da RFEPCT”; “classe média e educação profissional”; “classe média e ensino técnico”; “projetos de vida de jovens da educação técnica”; “projetos de vida de jovens da educação profissional”; “visão de mundo de jovens da EPTNM”; “visão de mundo de jovens da educação técnica”. Durante as buscas, não foram encontradas teses ou dissertações para nenhum dos descritores mencionados.

Em seguida, foi realizada uma nova consulta utilizando, agora, o descritor “egressos da educação técnica”. Nesse caso, foi identificada uma tese de doutorado intitulada “Experiência de Vida, Juventude e Políticas Públicas: Representações Sociais do Ensino Técnico”, de Debora de Abreu Moreira dos Santos Martins, realizada na Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2020. O objetivo da pesquisadora foi compreender as experiências de alunos e egressos provenientes das políticas públicas federais de ensino técnico profissional no estado de Goiás. Apesar de ser referente a

egressos da EPTNM na RFEPCT, o trabalho não trouxe relação com o que foi proposto neste objeto de estudo, principalmente no tocante à definição do perfil do sujeito.

Quanto ao caráter metodológico desta pesquisa, trata-se de uma abordagem qualitativa, em que foram realizadas entrevistas individuais com base em roteiro semiestruturado de perguntas, permitindo vir à tona, por meio de relatos verbais, as avaliações da experiência e suas relações com a visão de mundo e projetos de vida. Assim como cita Velho “por mais precário que possa ser o método, é a verbalização, através de um discurso, que pode fornecer as indicações mais precisas sobre projetos individuais” (VELHO, 1999, P. 27).

Em função da natureza qualitativa e da entrevista em profundidade, a amostra foi restrita e sem segmentações. Foram entrevistados seis jovens. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Em seguida, cada entrevista deu origem a um texto em forma de narrativa individual, criando-se, para isso, um personagem fictício para representar o sujeito entrevistado. A narrativa buscou explicitar os elementos básicos sugeridos pelas categorias de Gilberto Velho: as vivências na EPTNM como campo de possibilidades, a visão de mundo e o projeto de vida.

Para Manzini (2004), a entrevista semiestruturada está norteadada por um assunto sobre o qual se prepara um roteiro com perguntas principais, integradas por outras questões essenciais ao momento da entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer surgir informações de maneira livre, e as respostas não estão ligadas a uma padronização de alternativas, permitindo um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face com o entrevistador.

O conjunto das narrativas foi a referência da análise que buscou tanto as singularidades quanto as sintonias que poderiam estar presentes nas narrativas. O que foi buscado em cada narrativa é o percurso realizado em escolas privadas nos anos que antecederam o ensino médio, as avaliações sobre as vivências e a sociabilidade na RFEPCT, além de suas repercussões na visão de mundo e nos projetos de futuro.

Durante a realização das entrevistas, foi cuidado para se manter uma confortável conversa e não um simples interrogatório direto. Para isso, favoreceu-se a verbalização por meio de um discurso livre, espontâneo e participativo, desafiado e conduzido por perguntas abertas e adaptáveis, que se apoiaram em um roteiro organizado em três partes, a saber: a) biografia e memória; b) campo de possibilidades da RFEPCT e experiências na EPTNM; e c) projetos de vida. A intenção foi apreciar o que os sujeitos tinham a dizer a respeito desses tópicos. O roteiro, o qual está disponível nos anexos desta dissertação,

serviu como esquema orientador que seguiu a ordem dos eixos mencionados (a, b e c) apesar de permitir a flexibilização de movimentações ao longo das entrevistas.

As entrevistas foram agendadas e realizadas de forma on-line através do aplicativo *Google Meet* de acordo com a disponibilidade do entrevistado. O tempo médio de duração das entrevistas foi de uma hora e meia. Todas as entrevistas foram gravadas com a prévia concordância dos entrevistados. É importante ressaltar que a presente pesquisa teve seu projeto registrado na Plataforma Brasil, em concordância com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (Caae) no 57597521.1.0000.8507, sendo analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEFET-MG, conforme Parecer Consubstanciado no 5.610.339, em 29 de agosto de 2022, o qual está anexo a esta dissertação.

As gravações das seis entrevistas tiveram duração, aproximadamente, de 7 horas. Após a transcrição de cada uma delas, realizou-se um texto narrativo, que foi estruturado conforme a mesma ordem adotada no roteiro da entrevista e seus três eixos orientadores, material este utilizado como matéria-prima e fonte para as análises feitas neste trabalho.

A presente dissertação, além desta introdução, das considerações finais e dos anexos, possui três capítulos. O primeiro diz respeito à estrutura teórica e às fontes bibliográficas (“**Sobre juventudes, projetos de vida e visão de mundo**”). Nesse primeiro capítulo, são apresentadas as bases teóricas entendidas sob a ótica de Velho (1999). Nesse sentido, o referido capítulo visou a introduzir a problemática do projeto de vida e visão de mundo diante da relação com as experiências, campo de possibilidades de um público jovem específico.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta natureza empírica e é denominado como “**Narrativas juvenis: jovens de classe média da EPTNM da RFEPCT**”. Nele, são expostas a biografia, as experiências e os projetos de cada sujeito mediante as descrições presentes em cada narrativa, nas quais se utilizam nomes fictícios de modo a resguardar a identidade dos sujeitos da pesquisa. Por mais que os números possam dar fundamento quantitativo, sabe-se que a verbalização e a fala dos sujeitos refletem além da capacidade de escuta de um único ouvinte-pesquisador. Desse modo, ainda que a pesquisa seja desenvolvida por um pesquisador e seu orientador, favorecer a fala, através das narrativas, foi uma preferência na tentativa de manter o mais real possível o discurso do jovem, a fim de trazer outras possíveis interpretações qualitativas.

Finalmente, no terceiro capítulo, de natureza interpretativa, nomeado “**Análise a partir da escuta dos projetos de vida e visão de mundo de jovens de classe média da**

EPTNM da RFEPCT”, busca-se uma conexão entre as bases conceituais estabelecidas no primeiro capítulo e as narrativas compreendidas no segundo capítulo. Procura-se realizar, sob a perspectiva do referencial teórico adotado neste estudo, uma possível leitura a partir das narrativas dos jovens a respeito das experiências vividas na EPTNM e dos projetos de vida e visão de mundo

1 JUVENTUDES, PROJETOS DE VIDA E VISÃO DE MUNDO

Esta seção apresenta o arcabouço teórico que sustentou a presente pesquisa, visando a estabelecer uma relação entre juventude, projetos de vida e visão de mundo. Nesse sentido, mediante a análise das perspectivas de jovens e de seus projetos de futuro, a investigação aponta os obstáculos vivenciados por essa parcela frente às demandas sociais, que envolvem incertezas e inseguranças da maioria deles quanto ao porvir. Este capítulo, diante disso, é fundamental para legitimar as reflexões que foram feitas a partir da ótica de um grupo juvenil com características singulares, alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – campus Divinópolis, cujas famílias apresentam médio e alto poder aquisitivo.

Inicialmente, será apresentado um breve panorama acerca da classe média no Brasil, chegando, posteriormente, à juventude. Para tanto, são levadas em consideração diferentes épocas, a fim de delinear um perfil desse seletivo grupo social, já que dispõem de determinados privilégios ao longo de sua formação, a saber: boa educação e apoio financeiro, por exemplo. Na sequência, são expostas algumas definições de possibilidades, de projetos de vida e de visão de mundo com vistas a fundamentar, posteriormente, a análise.

1.1 Os jovens de classe média no Brasil

Antes do aprofundamento sobre os jovens de classe média e suas características, é importante discorrer sobre alguns pontos que definem a classe média no Brasil e no mundo. Discordâncias sobre quem conta como “classe” de renda média não são meramente disputas acadêmicas (DANIEL, 2018).

O termo "classe média" entrou no dicionário há dois séculos, "em algum momento entre 1790 e 1830", segundo Eric Hobsbawm (1988), quando uma sociedade industrial em ascensão ultrapassou a ordem "militar" da monarquia e da aristocracia. O século XIX viu uma discussão intensiva sobre para onde essa nova sociedade estava indo e qual seria o lugar da classe média dentro dela.

Nas décadas posteriores ao século XIX, isso foi cada vez mais questionado. Surgiram novos "ismos": mobilizando ideias. Em primeiro lugar, vale destacar o socialismo, que teorizava a "sociedade de classe média" como capitalismo, condenada a ser derrubada pelas fileiras expandidas da classe trabalhadora industrial.

As discussões do século XIX apresentavam uma variedade conceitual notavelmente ausente dos tratamentos atuais da classe média. Isso deriva do florescimento de uma série de línguas nacionais, cada uma expressando uma história particular de formação de classe e conflito (KOPPER; DAMO, 2018).

É difícil descrever a condição e o perfil de uma sociedade de classe média sem alguma clareza sobre quem compõe o grupo em questão. Isso não significa adotar apenas um critério estreito para ser usado o tempo todo. Em última análise, qualquer definição da classe média será mais ou menos arbitrária. Para os estudiosos, o valor de qualquer definição depende da pergunta a que eles estão tentando responder (ALMEIDA, *et. al.*, 2020).

O *status* da classe média é um reflexo dos recursos econômicos, especialmente renda ou riqueza? Ou é denotado mais claramente pelo *status* ocupacional e/ou escolaridade? É, sim, um estado de espírito, um conjunto de aspirações, ou revelado através do comportamento, gostos culturais, ou por certos tipos de consumo? É uma questão de como as pessoas se definem?

Definições de uma sociedade de renda média e das classes em geral tendem a cair em uma das três categorias amplas, baseadas em recursos econômicos, educação e *status* de ocupação e atitudes, autopercepção e mentalidade. Determinar se alguém é classe média requer informações diferentes para cada uma destas três categorias: dinheiro, credenciais e cultura. O primeiro se refere à caracterização de recursos econômicos, renda, riqueza, precisando-se, nesse caso, ver o saldo bancário do indivíduo. O segundo, por sua vez, diz respeito às realizações educacionais, ao *status* ocupacional, necessitando, assim, verificar o currículo do sujeito. Por fim, o terceiro se relaciona às atitudes, à mentalidade, ao comportamento, sendo preciso analisar o que passa pela cabeça do indivíduo. (KOPPER; DAMO, 2018)

Os níveis de escolaridade, por exemplo, estão altamente correlacionados com a renda através dos ganhos. Pessoas que fazem trabalhos com um certo *status* social provavelmente se definem como classe média. Aspirar à faculdade ou ter uma mentalidade de poupança provavelmente levará a um maior saldo bancário e assim por diante (KOPPER; DAMO, 2018).

Alguns autores têm o cuidado de evitar a palavra classe ao focar apenas na renda e, para isso, escrevem, por exemplo, que a classe média pode ser descrita com mais precisão como aquelas famílias que se enquadram no meio da distribuição de renda. Entre

a maioria dos economistas, no entanto, o termo classe média tornou-se sinônimo de renda média (ALMEIDA, *et. al.*, 2020).

No Brasil, os jovens de famílias de classe média possuem uma boa educação, além de apoio financeiro. Isso lhes dá recursos necessários para buscar cultura ou esporte. Essa parcela vive em um “mundo” de constantes mudanças, pois participa ativamente de um sistema econômico, social e tecnológico onde há intensa pressão para se manter atualizado.

A especialização trabalhista é um elemento básico da produtividade dos jovens de classe média, que requer dos indivíduos aprendizado de diferentes conjuntos de habilidades, além de desempenho de diferentes papéis na economia. Jovens de classe média, muitas vezes, escolhem uma profissão que é demandada no mercado, a fim de garantirem um bom salário no futuro. Normalmente, buscam lideranças e desenvolvimento denominado de “*soft-skills*”, que são universalmente demandas para gerências, comunicação, pesquisa, análises e criatividade (RODRIGUES, 2022).

Jovens de classe média no Brasil têm buscado cada vez mais empreendimentos que inventam seus próprios produtos, serviços e modelos de negócios (PIMENTA, 2018). Para eles, a renda mensal, retirando a parte dos impostos e tributos nacionais, garante o básico para a vida, como moradia, educação, saúde, vestuário e alimentação, gerando uma renda discricionária maior e tendo flexibilidade em seus gastos, podendo escolher como usar os fundos extras, dando-lhes liberdade e segurança de vida (ALMEIDA, *et. al.*, 2020).

Há pouca informação ou análise sobre jovens de classe média no Brasil. O estudo de Pimenta (2018), por exemplo, começa a preencher essa lacuna a partir da utilização de dados sobre jovens profissionais urbanos e educados da pesquisa e avaliação da juventude brasileira, bem como uma investigação etnográfica no país, considerando os últimos 5 anos.

As informações disponíveis sugerem que a expansão da classe média jovem no Brasil exibe muitas das características da classe média em todos os lugares: posse de capital cultural, um firme interesse e compromisso com a educação, uma orientação para o consumo e para acessar notícias e informações, além de aspirações para melhorar e para se desenvolver em termos pessoais e de carreira (RODRIGUES, 2022).

No entanto, a relação estreita contínua entre membros da classe média sugere que há poucas evidências ainda da classe média desenvolver uma identidade política ou do surgimento da sociedade civil (KOPPER; DAMO, 2018). Os dados demonstram a continuidade do emprego e da educação gerados pelo Estado entre a geração atual e seu

antecessor, que decorre da contínua influência do Estado sobre a sociedade brasileira em seu papel de provedor de emprego, carreira, educação e bolsas de estudo, bem como da influência contínua da geração sênior sobre seus filhos.

No Brasil, estima-se que a classe média pode variar entre os estados, até porque o país possui dimensões continentais. Sendo assim, para este objeto de estudo, considera-se classe média famílias que possuem uma renda de 10 a 20 salários mínimos (atualmente avaliado em R\$ 1.147,00).

Segundo os dados do IBGE (2021), a nova classe média é majoritariamente urbana (89%) e, em sua maioria, está em três regiões brasileiras: Sul (61%), Sudeste (59%) e Centro-Oeste (56%). O percentual da população, nesse estrato social, é maior em cidades de pequeno porte (45%), com menos de 100 mil habitantes, do que em regiões metropolitanas (32%) e em cidades de médio porte (23%).

As famílias de classe média devem, ainda:

- possuir uma casa e um carro, além de poder pagar para seus filhos irem para a faculdade;
- ser capaz de guardar dinheiro suficiente para sua aposentadoria é significativo, assim como a capacidade de obter cuidados de saúde para si e para família;
- ter renda descartável suficiente para levar sua família de férias é outra referência.

Normalmente, os jovens de classe média no Brasil possuem casa própria. Ter uma casa continua sendo o sonho da maioria dos brasileiros (COELHO, 2019). Obter um imóvel significa prosperidade e realização. Com faixas medianas de preços das casas diferindo em diversas cidades do Brasil, a capacidade de atingir esse objetivo varia significativamente por localização geográfica, sendo objeto de desejo dos jovens de classe média.

Ademais, possuir um carro proporciona liberdade de circulação e luxo de evitar os horários limitados e os bairros apertados oferecidos por opções de transporte público, como ônibus e metrô. Ajudar os jovens a seguir em frente na vida é o objetivo principal das famílias de classe média. Tal segmento social frequenta boas escolas particulares, com boas estruturas, com várias oficinas extras, permitindo aos jovens um crescimento pessoal e profissional mais adequado para uma sociedade em crescimento.

Outro ponto em destaque é que a maioria dos jovens de classe média possui planos de saúde. A capacidade de obter cuidados de saúde é um objetivo importante para os assalariados de classe média e suas famílias. O alto e crescente custo de cuidados médicos e de

medicamentos prescritos tornam a cobertura de saúde uma necessidade cada vez maior; ficar sem ele pode acarretar sérias implicações financeiras negativas no caso de uma doença grave ou lesão (COELHO, 2019).

Jovens de classe média buscam passar suas férias em lugares mais badalados, em muitas ocasiões, realizam viagens internacionais, com os mais variados desejos. As férias em família são uma realidade da classe média. As férias demonstram que uma família tem renda descartável e tem sido bem sucedida o suficiente para tirar um tempo do trabalho para se concentrar no lazer (LOIOLA, 2021).

1.2 Sobre os conceitos de campo de possibilidades, projetos de vida e visão de mundo

A primeira ideia que vem à cabeça quando se pensa em campo de possibilidades seria um espaço de aceitação, no qual tudo é possível. É um campo único, em que tudo pode ser expressado, alcançado, idealizado etc. Nessa lógica, ao se olhar para dentro desse campo de união com a vida, tem-se acesso ao de possibilidades (DE GUSMÃO, 2011). Ferro (2011) acrescenta que é preciso imaginar qualquer coisa que se goste. Argumentar para si mesmo se há alguma coisa que o impeça que imaginar algo. Existe algum limite para o que está atrás dos seus olhos? Esse é o campo da possibilidade. É a grama invisível de tudo o que é, forma e sem forma, e está aqui, neste momento, agora.

É neste campo que cada pensamento, ação, criação, formação, destruição, reconstrução e transformação existem. O campo da possibilidade é ilimitado e incondicional, ou seja, tudo é possível. Para Debres (2014), nesse sentido, o processo de possibilidades de campo trata-se de um ato transformador. Criatividade não significa inventar algo. É apenas uma transformação da energia de uma ideia, que esteve o tempo todo no campo da possibilidade. Segundo Velho (2003), o termo é um espaço para o desenvolvimento de projetos, o que já se relaciona com outro aspecto importante para este estudo, o projeto de vida, o qual se trata de uma medida social.

Nesse sentido, o pioneiro da antropologia urbana no Brasil considera o conceito de projeto fértil e adequado para fazer interpretações de processos sociais, como o que é pretendido nesta pesquisa, já que, conforme Velho (2003), para

[...] lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 2003, p. 40.)

Consoante essa ideia, percebe-se a relevância das noções de projeto e de campo de possibilidades para a melhor análise das perspectivas dos alunos, considerando o percurso sócio-histórico desses sujeitos.

Nesse sentido, para construir um projeto, são imprescindíveis alguns elementos, a exemplo do desejo e da fantasia, bem como da subjetividade, além do campo de possibilidades, segundo Velho (1999). Todos esses fatores podem ser influenciados, ainda à luz do autor, pela experiência de mobilidade social, isto é, devido ao contato com diferentes grupos, há a chance de haver alteração no campo de possibilidades. A partir disso, infere-se que há experiências que possibilitam aos envolvidos vivências com outras classes, fato este que pode interferir na forma que os homens concebem o mundo. Para corroborar tal ideia, Velho (1999, p. 20) afirma:

(...) a experiência de mobilidade social, a ascensão ou descenso introduz variáveis significativas na experiência existencial seja de pessoas oriundas da classe trabalhadora ou da classe média que são forçosamente diferentes de uma situação de estabilidade e permanência. (...) o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em uma classe socioeconômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis.

Sob essa ótica, percebe-se que a possibilidade de transformação existe, também, para a classe média, podendo apresentar os seguintes níveis: positiva e negativa, confiante e temerosa, amorosa ou odiosa, irritada ou calma, pode e não pode, vai e não deve, e todas as outras escolhas imagináveis no espectro (ALMEIDA, *et. al.*, 2018). No entanto, a escolha da própria possibilidade é singular, ou seja, cabe a cada um determinar o que é possível para si. No campo da possibilidade ilimitada, sempre se encontra o que se procura mesmo que isso seja limitação. Tal elemento, com isso, permeia a existência, é atemporal, ilimitado, imparcial e democrático (CAMPOS; BARBOSA, 2015).

Quanto ao significado do termo visão de mundo, parece evidente: uma intelectual perspectiva sobre o mundo ou o universo. De fato, Dick, *et. al.* (2020) definem a visão de

mundo como uma forma de contemplação deste ou, ainda, uma filosofia particular da vida, bem como uma definição realizada por alguém acerca do que o cerca.

Para Menezes *et. al.*, (2010), por sua vez, existem algumas alternativas de significado para visão de mundo, podendo ser um termo poético para se definir, um articulado sistema de filosofia ou uma mais ou menos inconsciente atitude em relação à vida e ao mundo. Ademais, há a visão de mundo como uma construção intelectual que resolve todos os problemas da existência uniformemente com base em uma hipótese predominante, que, consequentemente, não deixa nenhuma pergunta sem resposta (BARBOSA; RICHTER, 2015).

Almeida *et. al.* (2018) consideram que sentir é ver, ouvir, provar e experienciar estímulos do mundo e do eu, enquanto a ação de agir refere-se aos órgãos sensoriais orientais (incluindo olhos e ouvidos), para se mover partes do corpo, para manipular objetos externos e para se comunicar falando ou escrevendo, entre outras formas de interação.

Nessa direção, para Campos e Barbosa (2015), o pensamento é um processo, uma sequência de estados mentais ou eventos, em que estímulos sentidos e conhecimento existente são transformados em conhecimentos novos ou modificados, com intenções que desencadeiam o controle dos sinais que comandam os músculos. Enquanto em alguns as ações são meramente o resultado de reflexos sensoriais, respostas a emoções, como medo ou raiva, ou automatização de padrões desenvolvidos através do hábito, outros gostam de acreditar que a maioria das ações são mais reflexivas (GUIMARÃES, 2000).

Na experiência sensorial, por exemplo, há um elemento de percepção, em que estímulos sentidos são os primeiros reconhecidos e interpretados à luz do conhecimento existente (padrões aprendidos) antes de estarem comprometidos com a ação (MENEZES, *et. al.*, 2010). O raciocínio, nesse viés, é focado, ou seja, há um pensamento direcionado a objetivos que começam a ser delineados a partir de percepções e de conhecimentos, bem como de obras existentes para um conhecimento novo e valorizado. O raciocínio, portanto, começa com conhecimento e termina com este também, isto é, as opiniões, as crenças e as certezas que o indivíduo possui (BARBOSA; RICHTER, 2015). Há, ainda, o raciocínio indutivo, fundamentado na ciência empírica, que pode funcionar a partir de percepções e de outros conhecimentos particulares para a construção de conhecimentos mais gerais.

Já no tocante à dedução, exemplificado pela lógica matemática, o particular conhecimento é produzido (FIGUEIREDO, 2022). Dessa forma, fica evidente que, ao longo de uma vida, a razão acumula não apenas opiniões e crenças particulares, mas também diferentes níveis de conhecimento, básico, geral e fundamental, em que as crenças particulares e as intenções para atos externos são baseadas (DICK *et. al.*, 2020).

Esse núcleo de conhecimento, conhecido também como visão de mundo, é a base tanto do raciocínio dedutivo quanto de outros, fornecendo os padrões de valor para estabelecer os objetivos cognitivos para que a razão funcione e para selecionar as regras nas quais esta opera (ALMEIDA *et. al.*, 2018).

A visão de mundo de alguém também é referida como filosofia de alguém, filosofia de vida, mentalidade, perspectiva sobre vida, fórmula para a vida, ideologia, fé ou, até mesmo, religião (MENEZES *et. al.*, 2010). De acordo com Barbosa e Richtrer (2015), estes são elementos da visão de mundo:

- epistemologia: crenças sobre a natureza e fontes de conhecimento;
- metafísica: crenças sobre a natureza final da Realidade;
- cosmologia: crenças sobre as origens e natureza do universo, da vida e especialmente o homem;
- teleologia: crenças sobre o significado e propósito do universo, seus elementos inanimados, e seus habitantes;
- teologia: crenças sobre a existência e natureza de Deus;
- antropologia: crenças sobre a natureza e propósito do homem em geral e em particular;
- axiologia: crenças sobre a natureza do valor, o que é bom e ruim, o que é certo e errado.

A partir disso, salienta-se que a visão de mundo de alguém pode não ser explícita, mas é possível inferi-la mediante o comportamento do sujeito (FIGUEIREDO, 2022). Ademais, tais elementos são inter-relacionados, ou seja, não é possível falar de um isoladamente (ALMEIDA, 2018), além de influenciarem a ação do indivíduo. Isso porque o pensamento é a base para a ação, e conhecimento é a base para o pensamento.

Ao seguir essa ideia, é necessário frisar que algumas ações são reflexivas ou de natureza automática, a qual se trata de um pensamento consciente. No entanto, embora haja ações altamente automatizadas, elas seguem padrões de comportamento (GUIMARÃES, 2000).

Com base em tudo isso, o presente estudo não visa a analisar psicologicamente os envolvidos no trabalho, mas sim os projetos de vida deles, que revelarão aspectos importantes. Para tanto, faz-se necessário conhecer as narrativas dos seis sujeitos que participaram desta investigação, as quais serão apresentadas na próxima seção.

2 NARRATIVAS JUVENIS: SUJEITOS DE CLASSE MÉDIA NA EPTNM DA RFEPCT

Este capítulo foi escrito com base nas entrevistas realizadas com seis sujeitos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM). Todas as entrevistas foram transcritas e transformaram-se em narrativas. Nelas, o sujeito entrevistado é citado com um nome fictício de maneira a preservar sua identidade. Ressalta-se que foi realizada uma seleção em todas as narrativas, de modo que foram priorizados materiais relacionados ao problema e aos objetivos da pesquisa. A sequência do texto narrativo segue a ordenação do roteiro utilizado na realização das entrevistas e objetiva discorrer sobre o passado, o presente e o futuro dos participantes, contemplando, dessa forma, as biografias e as memórias destes, bem como o campo de possibilidades da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPCT) e as experiências na EPTNM, além dos horizontes de expectativas e projetos de futuro. A escolha dos nomes fictícios foi realizada a partir de um traço da narrativa ou da personalidade do entrevistado, que se relaciona, relembra e homenageia algum personagem. A título de exemplificação, pode-se mencionar Lina, cuja escolha do nome objetivou prestar uma homenagem à famosa arquiteta brasileira Lina Bo Bardi. Esse também é o caso de Bill, o qual agracia os brilhantes e expressivos feitos computacionais do empresário e autor americano, Bill Gates. Além disso, os casos de Adelita, que condecora as mulheres revolucionárias e lutadoras. Ainda há a doce, meiga e resplandecente Helena, protagonista do brasileiríssimo autor Manoel Carlos. Por fim, salienta-se que, quando se referem ao CEFET-MG durante as narrativas, os entrevistados consideram-no o *campus* da instituição, localizado na cidade de Divinópolis, onde estavam matriculados e realizavam os cursos.

2.1 A história da iluminada Helena

Helena tem 20 anos de idade e estudou em escola privada desde os 3 anos até seu ingresso na EPTNM do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Helena inicia a conversa dizendo que morou em Belo Horizonte com os pais, contudo vieram para Divinópolis quando a mãe foi concursada e nomeada a um cargo público para trabalhar como professora universitária.

Em Divinópolis, Helena estudou em uma escola privada vinculada a uma congregação religiosa. Foi nessa escola que ela cursou todo o ensino fundamental até entrar no CEFET para cursar a EPTNM. Segundo ela, sua mãe sempre lhe concedeu liberdade de escolha e a incentivou a seguir esse caminho: “eu sempre tive uma influência muito forte dela, por ser professora, então, assim, ela sempre me deu uma liberdade muito boa para me adaptar nas escolas que eu queria, obviamente que ela estava sempre por perto”.

Logo após concluir a EPTNM no CEFET, entrou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no curso de Farmácia. Atualmente se dedica apenas aos estudos. Helena diz que sempre teve oportunidade de fazer o que sonhou, em razão do apoio dos pais.

Eu nunca precisei trabalhar para conseguir nada. Eu fiz cursinho para o Enem e para o CEFET, então, assim, eu sempre me preocupei somente com os estudos mesmo. Eu sei que não é a realidade de muitas pessoas, infelizmente, mas meus pais sempre abraçaram tudo o que eu quis fazer, sempre me propiciaram ter curso de inglês, de espanhol, tudo o que eu sempre quis fazer, eles sempre me abraçaram e apoiaram muito. Eu acho que isso faz toda a diferença, porque, assim, eu nunca precisei me preocupar se eu poderia ou não fazer alguma coisa, se eu precisaria ou não trabalhar.

Helena afirma que ter conseguido ingressar na UFMG foi a realização de um sonho. No entanto, mudar para Belo Horizonte não foi uma tarefa fácil, pois foi preciso ficar longe da família, como evidencia o discurso da entrevistada: “mudar para BH não foi uma coisa fácil, é difícil por causa da distância dos meus pais. Eu estou em BH, mas sinto muita falta deles”. Ela ainda conta que sabe de seus privilégios, em vários sentidos, pois sempre teve muito apoio dos pais:

Sem dúvidas, se eu for olhar no geral, eu fui muito privilegiada em vários aspectos. Eu não me lembro de eventos marcantes ou de ter enfrentado alguma dificuldade mais séria. Eu acho que, mesmo se eles [os pais] estivessem passando por alguma dificuldade, eles nunca deixavam chegar até mim e até ao meu irmão. Então, se aconteceu alguma coisa, eu nem fiquei sabendo.

O pai de Helena possui um emprego com um bom salário apesar de não ter a mesma estabilidade que a mãe. Além disso, a aluna conta que uma vez o pai já ficou desempregado e o que os ajudou foi a renda do trabalho da mãe. Ela considera sua família como classe média para alta, afirmando: “Eu acho que, quando a gente é criança, a gente não percebe as coisas ao nosso redor. Hoje em dia, eu vejo quão privilegiada eu sou. O emprego da minha mãe é algo que já dá uma segurança maior para a nossa família”.

No que se refere ao tempo de escola, Helena diz que tem boas memórias e que fez bons amigos. Diz também que, em todas as escolas nas quais estudou, sempre se adaptou bem apesar de ser tímida e de precisar de um tempo até se adaptar.

Helena conta que cresceu vendo a mãe fazer doutorado e afirmando que o CEFET é uma instituição muito boa. Segundo ela, toda essa expectativa foi realizada a partir do momento em que entrou: “tem escolas privadas muito boas em Divinópolis, mas nada se compara ao CEFET. O ensino que eu tive lá foi maravilhoso, os professores são ótimos”. Helena disse que o ensino técnico oferecido foi um *plus* e que, se não já tivesse entrado pensando em cursar a universidade, talvez teria aproveitado mais esse ensino. “Eu gostei de fazer o curso técnico, era uma válvula de escape. As aulas eram mais leves e divertidas, então, assim, desenvolveu até um lado criativo meu, que eu nem sabia que tinha”.

A escola em que estudou antes de ingressar no CEFET é religiosa e possui valores tradicionais embora a religião de sua família seja diferente da escola. Sempre se deu muito bem lá, desde o momento em que conheceu a escola, a qual, segundo ela, era muito boa e apresentava professores muito bons, fatos que a ajudaram a se adaptar bem ao local. No entanto, acredita que não é uma escola para todos. Sempre foi criada de forma muito liberal, livre de tabus, tal como deixa claro nesta fala - “A criação que eu tive em casa sempre foi muito liberal, eu não levava os pensamentos de lá para a minha vida, porque meus pais sempre foram muito liberais e conversavam de tudo comigo”.

Ao lembrar dos tempos em que estudou no CEFET, conta que “viveu de tudo um pouco lá” e que é muito grata a tudo que proporcionaram a ela. “A gente ia almoçar junto, ficava o dia todo junto... a gente fez amizade com o pessoal das outras salas, os eventos culturais que tinham no CEFET. A gente tinha tempo de sobra lá para almoçar, conversar, ficar junto”.

Ela se define como uma “aluna muito careta”, pois sempre foi de estudar muito e precisou mudar isso quando entrou na faculdade, pois cobrava de si o mesmo desempenho que possuía na escola, sendo que o ritmo universitário é outro. Houve algumas mudanças no ritmo de vida quando entrou no CEFET. Foi necessário almoçar dentro da escola e ir de van para a instituição, pois antes os pais a levavam. “No início foi necessária uma adaptação, mas tenho saudades de tudo, do bandejão, de tudo!”

Helena conta que sentiu mudanças na autoestima ao ser vista como uma aluna do CEFET e afirma que isso acontece não somente com ela, mas com todos que estão lá.

Não só para mim, mas para todo mundo que estava lá, sabe! Não é para esnobar, mas para valorizar, porque realmente é uma escola muito boa. Tem pessoas, até daqui de Divinópolis mesmo, que não dão o devido valor no que o CEFET pode proporcionar, não só para mim, que sempre estudei em escolas boas ao longo da vida, mas para outras pessoas também que não teriam a oportunidade de estudar em escolas de excelência. Porque o CEFET é uma escola pública muito boa, então seria uma oportunidade para muita gente, que talvez nunca teria contato com uma educação desse nível.

A aluna destaca que foi ali dentro que teve o primeiro contato com a iniciação científica, com debates mais críticos e políticos, os quais são considerados por ela importantes para a vida de todos enquanto cidadãos. Apesar de ter vivenciado isso dentro de casa, conseguir viver isso na escola é diferente, segundo a garota.

Ver na escola é outra coisa, você ouvir o professor falando e desenvolvendo o pensamento crítico dos alunos, colocando os alunos para pensar mesmo, é muito bacana! A gente tinha muitas palestras no CEFET. O CEFET nunca teve tabu com nada, eu sentia que as pessoas lá eram muito acolhidas. Se você desrespeitasse alguém por orientação sexual ou cor de pele, você era muito reprimido lá, e eu acho isso muito bacana. Não aceitar esse tipo de coisa e ter a certeza de que as pessoas estão sendo acolhidas.

A pluralidade que o CEFET proporciona foi o que mais chamou a atenção de Helena.

Com certeza tem uma Helena antes do CEFET e uma Helena depois do CEFET. Apesar de eu ter em casa muita coisa que o meu pai e a minha mãe me proporcionaram, eu só ouvia deles. Então, sair da escola particular foi como sair de uma bolha, porque, quando eu estava em casa, eu só escutava e aprendia o que era certo e errado através dos meus pais. Mas, viver isso na pele, estar lá no dia a dia e sair da minha bolha foi muito importante para mim.

Ela fala que depois das experiências vivenciadas no CEFET, passou a ter uma visão mais crítica do mundo e a ter noção de todos os privilégios que apresentava. Ela relata que antes não tinha esse pensamento.

Eu só estudei em escolas particulares. Eu tive a oportunidade de estudar em uma escola pública, que é o CEFET, e é uma escola pública muito diferente das outras, infelizmente. Porque eu acho, assim, que todas deveriam ser iguais ao CEFET. E hoje eu falo com brilho nos olhos e defendo com unhas e dentes, porque eu sei o quão importante é.

Com relação às convivências interpessoais dentro do CEFET, Helena conta que a timidez bloqueava um pouco o contato com as outras pessoas, pois se sente um pouco travada para conversar “logo de cara, mas isso é questão de tempo!”. Como ela sabe que é assim, deixava tudo fluir, de forma mais natural, sem se preocupar muito. Consequentemente, as pessoas a conheciam, ela conhecia as pessoas e as relações iam construindo-se por questões de afinidade. “Sempre fui muito tranquila, nunca fui de implicar com ninguém ou procurar brigas, e, sempre que conseguia, me deixava aberta para conhecer pessoas novas e para fazer novas relações”.

De acordo com Helena, formaram-se vários grupos na sala, e havia pessoas que vinham de realidades diferentes e necessitavam de auxílio.

Tinham pessoas que vieram de realidade diferentes da minha, o CEFET proporcionava auxílios, e tinham amigas minhas que precisavam usar esses auxílios, e era muito importante, porque a gente precisava ficar lá o dia todo, e é difícil trabalhar estudando no CEFET. Então, esses auxílios eram importantes para quem está lá. Eu nunca precisei, mas acho que faz toda a diferença.

Helena afirma que nunca teve decepção durante os estudos no CEFET. Passou por altos e baixos, seja por questões de provas em que se saiu bem, e outras que não foi tão bem assim. Mas, entende que isso faz parte do processo e acredita que passaria por isso em qualquer escola em que estivesse.

A entrevistada acredita que, apesar de os professores do CEFET-MG possuírem a percepção de que havia várias realidades diferentes dentro da turma, todos agiam de forma que isso não afetasse a classe.

Eu acho que, querendo ou não, talvez até os professores tivessem essa percepção, porque eu imagino que quem veio de escola privada estava um pouco mais à frente e tinha um pouco mais do ritmo mesmo, porque o CEFET exige muita da gente, quem entra lá de cara assusta um pouco se não estiver preparado, porque é uma escola que exige bastante, aprende muito também, mas os professores conseguiram lidar bem com isso. Eu acho que eles foram nivelando a turma aos poucos [...] eu nunca vi um aluno sendo colocado como inferior por conta disso.

As dificuldades que Helena alega ter enfrentado durante o percurso vinham de suas próprias cobranças excessivas, no sentido de exigir muito de si. Inicialmente, ela não sabia qual curso gostaria de fazer, “eu sempre quis fazer faculdade, e eu sempre quis estudar na UFMG. Mas, eu não sabia o que queria fazer. Eu sabia que tinha que ser na UFMG”. O CEFET a amparou a seguir na carreira acadêmica devido ao excelente ensino médio que cursou.

O foco do CEFET é o curso técnico. Não é aquela escola que tem um intensivão do Enem antes das provas, mas eu acho que o CEFET está cumprindo o papel dele. Ele não está prometendo um intensivão de Enem para ninguém, porque eu acho que realmente esse não é o foco da escola. Mas, pelo nível dos professores que tem lá, nem precisa mesmo. A gente vai construindo conhecimento dia após dia. Eu acho que uma coisa muito bacana que eu tive no CEFET foi saber interpretar textos, porque a gente acha que sabe interpretar textos, e a gente não sabe. O professor de Português e Redação é maravilhoso, ele ensina qualquer um a ler. [...] Os professores sabiam que a gente tinha esse sonho de fazer a faculdade, e ninguém desestimulava a gente.

Quanto ao projeto de vida, no primeiro momento, a prioridade dela é se formar. Helena afirmou que deixou de fazer algumas disciplinas em razão da pandemia para realizá-las de forma presencial. Até lá, ela está vivendo de acordo com as oportunidades que a faculdade a propicia. Pelo fato de o curso acontecer em período integral, ela considera difícil procurar um trabalho neste momento. É possível perceber que sua trajetória de vida lhe garantiu tranquilidades em seu percurso escolar. Diante disso, Helena iniciou seu curso na Universidade Federal de Minas Gerais, tornou-se monitora e está em seus planos fazer intercâmbio.

É importante ressaltar a trajetória vivenciada pelo sujeito desta pesquisa, que lhe permitiu dilatar suas escolhas, suas visões de futuro e, conseqüentemente, seu projeto de vida. Helena não necessitou suspender disciplinas de seu curso superior durante a pandemia e já possui a projeção de realizar um mestrado, sem precisar preocupar-se com dívidas, trabalho ou quaisquer outras questões vivenciadas por outros tipos de sujeitos.

Tenho vontade de fazer um intercâmbio mais para frente [...], meus pais bancam o meu aluguel, bancam a minha vida em Belo Horizonte. O dinheiro que eu tenho é pela bolsa de monitoria que eu tenho na faculdade. É muito bom, porque eu não preciso ficar pedindo aos meus pais para me dar tudo. Dá uma mini-independência, uma noção de dinheiro.

A pretensão de Helena é de atuar como farmacêutica em algum momento da vida. Porém, ela pensa que, hoje em dia, tudo está mais complicado e concorrido. Por isso, pensa que quanto mais se capacitar mais fácil ficará para conseguir um bom emprego. “Penso em fazer um mestrado, justamente para ter uma capacitação a mais. Mas, não me vejo dentro da universidade para sempre”.

Ademais, considera-se sortuda por ter vindo de uma família que realmente abraçou todos os seus sonhos e a apoiou desde o início da caminhada. No entanto, conta que se cobra de maneira excessiva, justamente por ter noção de tudo o que teve na vida.

Minha mãe me puxa para trás, porque eu me cobro excessivamente. Até mesmo por ter essa noção de tudo que eles me proporcionaram, eu me cobro muito. Eu comigo mesma, eu quero fazer dar certo, eu quero me formar bem e ser uma boa profissional, porque eu sei tudo o que eu tive.

A necessidade de fazer tudo de maneira “perfeita” é um dos maiores obstáculos para realizar seu projeto de vida, afinal, para Helena, estar longe de sua família tem sido um desafio a ser vencido todos os dias.

Para mim, mudar para BH tem sido uma coisa muito difícil mesmo, de passar dias chorando lá em Belo Horizonte e agoniada com a situação. [...] Eu também contei para os meus pais e comecei a fazer terapia, que eu acho que é importante [...]. Mas, assim, eu sou uma pessoa muito ansiosa, me cobro muito e preciso controlar isso.

Helena diz que a condição social de alguns indivíduos é um fator que chama a sua atenção, uma vez que, próximo à sua casa, já é possível perceber o contraste social. Ela diz que isso afeta a sua visão de mundo, deixando-a ansiosa, insegura e com algumas dúvidas em relação ao seu futuro.

Quem não tem esse tipo de pensamento hoje em dia está vivendo no país errado, porque é bizarro. [...] Eu estava conversando com meus pais, eu pego ônibus lá em Belo Horizonte, e as pessoas estão entrando pela porta de trás do ônibus, não têm dinheiro para pagar uma passagem de ônibus. E você vê que são pessoas que estão desesperadas mesmo. [...] É difícil ter uma perspectiva de futuro até para a gente que está na faculdade. Às vezes eu penso: será que quando eu me formar, eu vou ter emprego?

Ao final, ela cita a importância da família em sua vida e dos valores que sempre levará consigo, como honestidade e respeito ao próximo. “Eu acho que ninguém chega a lugar nenhum sozinho, a prova disso sou eu mesma. Não faria tudo o que fiz sem o meus pais, a gente precisa saber conviver mais e se ajudar mesmo”.

2.2 As ambições de Adelita

Em 2022, Adelita é uma empolgada caloura em medicina em uma universidade privada da região. Ela tem um irmão que é cinco anos mais velho e é médico residente, também em uma universidade privada. Adelita conta que seu irmão trabalha, mas não tem

boa renda. Por isso, seus pais garantem todo o suporte financeiro de que ele necessita, seja para pagar a faculdade, seja para assegurar a boa qualidade de vida dele em outra cidade.

A mãe responsabiliza-se pelos assuntos da casa e é também colaboradora do marido na empresa da família. “Trabalhar em casa é um trabalho super inviabilizado, mas ela é uma super mãe e uma super dona de casa. Eu tiro o chapéu para ela!”. Adelita se considera muito privilegiada pela vida que tem. Os pais são “apoiaadores ferrenhos” na vida dos filhos. Adelita salienta: “venho desse lugar, de muito amor e carinho!”. Durante o ensino fundamental, Adelita estudou em uma escola privada, mas conta que não teve experiências muito boas em relação às amizades nessa instituição.

No entanto, ao entrar no CEFET, a história fez-se outra. “O CEFET foi um lugar que me mudou muito no sentido afetivo. Mudou politicamente, com relação a questões da sociedade. Foram os melhores três anos da minha vida!”.

Adelita conta que, nos tempos que cursava o ensino fundamental em escola privada, as meninas jogavam muito handebol, e este não era um dos seus esportes favoritos. Mas, ao adentrar no CEFET, conseguiu ter novas experiências e foi aí que ela descobriu o basquete! “Eu fui no Intercamp, no Jemg e em todos os campeonatos que havia. Isso é um ponto positivo para o CEFET!”.

Nesse início, ela também descobriu outra prática esportiva que une força e condicionamento físico, a qual se tornou uma de suas paixões, além de auxiliá-la na disciplina com as tarefas do dia a dia e, até mesmo, com os estudos no CEFET. “(...) Eu passei por dois anos de cursinho e eu tive que manter muita disciplina, até mesmo para manter os estudos no CEFET”. Antes de ingressar na universidade, ela conta que os pais pagaram o acesso ao cursinho *on-line* para o Enem.

Eu fiz cursinho *on-line* na pandemia, porque é mais barato. Peguei uma plataforma genérica para o Enem, e foi bom para a minha nota. Infelizmente, eu não consegui a federal, que era o que eu queria. Mas, as circunstâncias foram outras! Vou tentar esperar o Fies ou algo do tipo, quem sabe!

Durante todo o período pandêmico, ela teve o apoio e o suporte dos pais, para que conseguisse se manter focada nos estudos. “Eu me considero privilegiada e reconheço o lugar de privilégio que tenho. Eu fiquei 2 anos estudando em casa sem trabalhar, e eu posso ficar por mais 6 anos, porque meus pais vão pagar a minha faculdade e me manter”.

A garota diz que, mesmo antes de entrar na faculdade, sempre teve acesso ao que queria, e isso não se resume somente às questões escolares.

Eu posso comprar o livro que eu quiser, eu posso assistir a série que eu quiser, eu posso escutar um *podcast*. Eu entendo que há mesmo uma rede de suporte por trás. [...] É uma questão de apoio mesmo, de chegar em casa e ter tudo pronto. Não me preocupo! Porque eu, por exemplo, sou uma pessoa um pouco rigorosa com a alimentação e eu tenho acesso a uma boa alimentação. Então, é muito privilégio!

Adelita teve acesso a curso particular de inglês, mas alega que saiu ao entrar no CEFET, pois estava bem pesado fazer, simultaneamente, aulas do idioma e cuidar dos estudos na instituição. Ela considera sua renda como média-alta, mas revela que nem sempre foi assim:

Quando eu nasci, os meus pais haviam acabado de mudar para casa que estamos. E nessa casa não tinha nada, tinha o básico, tinha tijolo, pronto. Então, eu vim de um lugar muito humilde, a minha família, todo o resto, não tem muita coisa. Mas, os meus pais seguiram progredindo. Eu vejo muito esse progresso, porque, até antes de entrar no CEFET, eu tinha acesso a muita coisa, mas não era tanto. A gente nunca pôde viajar, nem nada, era mais contado. E as coisas foram melhorando aos poucos.

Por isso, Adelita ressalta que a educação para ela tem muito significado, pois é um ponto de virada da vida. Para ela, a escola representa o aprender a viver, é o local onde se tem a base da sobrevivência. “Eu entrei no CEFET com 15 anos, não sabia de muita coisa da vida. A gente vai aprendendo e vai aprendendo na escola. Tem a família que vai te ensinar muita coisa, mas a escola está ali com você todos os dias, umas 7 horas por dia”.

A ideia de entrar no CEFET partiu dela mesma e foi ela também que teve a iniciativa de buscar informações, inclusive para se inscrever no processo seletivo, como fica claro a seguir:

Foi um período em que o meu irmão ia para BH fazer cursinho, e eu pensei, por que não estudar em uma escola de qualidade? E quando eu necessitar de fazer uma faculdade, irá me dar o suporte necessário. Eu não pensava em seguir carreira técnica, mas falei para a minha mãe: quero tentar o CEFET! [...] Lá é de graça, e ajudaria em casa por um período.

A passagem da escola anterior (privada/religiosa) para o CEFET não causou transtornos para Adelita. Contudo, a sensação, disse ela, foi de encarar algo diferente. Foi um momento em que surgiram questionamentos acerca das condições financeiras de sua

família e comparações com o padrão de vida e de renda da escola privada cursada no ensino fundamental.

Foi estranho, porque a gente sabe que o pessoal de minha antiga escola é uma galera que tem condições muito boas. Faziam festas de 15 anos muito caras, viajavam para a Disney e trocavam muito de celular. Eu lembro que, no fim do 9º ano, as meninas brigavam para alugar um vestido que era no valor de R\$3.000,00. Eu nunca entendi muito bem! Quando somos influenciáveis, a gente acaba achando que isso é aceitável. Tinha gente lá que era muito rico, e a gente confunde as coisas. Eu não tinha essa quantidade de acessos. Eu pensava: por que a gente não pode ir para a Disney umas 4 vezes por ano? Eu tinha esses questionamentos, mas isso nunca me afetou.

No sentido acadêmico, Adelita relata que sentiu certos momentos de insegurança, em razão da própria pressão para se sair bem e para obter bons resultados. Adelita ficava no CEFET três vezes na semana, durante todo o dia, e isso a cansava bastante. Houve muitos momentos de novas experimentações que contribuíram para a interação com pessoas de outras culturas e classes sociais.

Eu experimentei muitas coisas novas, tinham as sextas culturais que eram muito boas! Sempre tinha alguma coisa, tipo: apresentação de capoeira ou algo diferente. [...] Uma coisa que me mudou um pouco no 3º ano foi que eu tive muitas aulas de Sociologia. Eram conversas sobre a sociedade mesmo, e nada chato como é tratado nos cursinhos. Tinha muito sobre diversidade, e o CEFET te deixa muito livre para ser quem você é! Você não sente muito medo. Eu sentia que antes eu precisava ser como um padrão, e, com o CEFET, eu percebi que não preciso ser assim.

A mãe de Adelita sempre a levava e buscava na escola, no CEFET ou na escola do ensino fundamental. Eram raras as vezes que a garota voltava de ônibus. No CEFET, Adelita almoçava no restaurante da escola pelo valor de R\$1,00 e amava ter esse momento com os amigos. No entanto, houve estranhezas em relação a algumas práticas na escola anterior.

As escolas tentam te uniformizar, colocar em um padrão, quase como uma cadeia, mas o CEFET não faz isso. A gente não tinha a pressão de estar na aula, mas tínhamos a pressão de sair bem nas notas. Eu nunca deixei a peteca cair, sempre corri atrás. Tive muitos amigos que foram anjos, principalmente na área da matemática. Lá ninguém te cobra, mas, ao mesmo tempo, você se sente cobrado. É uma sensação de crescer, parece até uma faculdade!

A conquista de estar no CEFET mexeu com a autoestima de Adelita e a fez sentir-se orgulhosa de si mesma por ter conseguido tamanha proeza. “Lá não exigia uniforme, mas, mesmo assim, eu queria desfilar pela rua com o uniforme do CEFET”, afirma Adelita. O CEFET trouxe, além de amigas muito honestas, bastante consciência social, e isso, segundo Adelita, movimentou todo o seu projeto de vida.

Hoje eu penso em fazer medicina da família, penso em trabalhar para o SUS, porque o CEFET me trouxe essa noção de que eu preciso defender o SUS, eu preciso defender as cotas, porque tem pessoas que precisam disso. Porque, na escola privada, a gente tem acesso a muita coisa e vive em uma bolha, mas, depois que a gente sai, a gente percebe que tem muita gente que não tem acesso a nada.

Esse contato de Adelita com pessoas fora de sua “bolha social” foi muito importante para o seu crescimento, pois, a partir daí, foi possível modificar sua visão de mundo, tal como evidencia a fala - “Se eu tivesse continuado na minha bolha, eu não seria a pessoa que sou hoje ou a médica que quero me tornar”. Adelita trouxe da memória escolar um exemplo:

Teve um dia que a gente teve um desfile e foi a primeira vez que eu percebi essa diferença. Todo mundo disse que iria, e uma amiga disse que não, pois não tinha dinheiro para pagar a passagem de ir e voltar, que era no valor de uns R\$10,00, e ela não tinha. Nós juntamos o dinheiro e pagamos para ela ir. Mas, nesse dia eu percebi que tem gente que não tem!

Além disso, Adelita percebeu algumas diferenças no desempenho escolar entre alunos que vieram de escolas públicas e os pertencentes às redes privadas, sobretudo no conteúdo de inglês, uma vez que a maioria dos estudantes provenientes de escolas particulares sempre conseguiam a dispensa na língua inglesa. Adelita conta que, na antiga escola, ela não precisava realizar muito esforço para ser aprovada nas disciplinas. No entanto, no CEFET, o rendimento escolar não funcionava dessa forma. Lá, Adelita se sentia mais cobrada e necessitava se dedicar mais aos estudos, e, algumas vezes, tanto esforço parecia não trazer o resultado esperado. “Na minha antiga escola, era tão mais fácil, não precisava de tanto esforço. Já no CEFET, eu estudava muito e, quando fazia as provas, as notas não eram tão boas. Eu estudava muito, e no fim tirava notas baixas!”. O rendimento não satisfatório, segundo Adelita, poderia advir da extrema cobrança por resultados da instituição; algo que a deixava extremamente ansiosa.

O projeto de vida de Adelita, neste momento, é formar-se na faculdade. Ela pretende se dedicar muito aos estudos e manter a mesma concentração e disciplina que

costumava ter no CEFET. Já no que se refere aos planos em longo prazo, Adelita não tem muita preocupação com eles, mas garante que está empolgada com as possibilidades que podem surgir no caminho. As experiências no CEFET a influenciaram, positivamente, a ter uma postura mais disciplinada em relação aos estudos e a ter mais segurança quanto ao futuro devido à boa preparação ali obtida.

Durante o percurso no CEFET, sempre se mostrou muito rigorosa com suas tarefas enquanto os pais tentavam acalmar suas cobranças exacerbadas. Futuramente, precisará lidar com mais um desafio: a escolha de sua especialização. Essa decisão pode ser algo que cause divergências de opiniões entre a família, uma vez que, posterior a tudo que vivenciou dentro do CEFET, tem uma visão de mundo diferente da mãe. “Eu me daria muito bem indo para o SUS, mas é algo que vai contra o que a minha mãe acha da medicina”.

Portanto, o maior obstáculo que encontra para vencer o seu projeto de vida é, neste primeiro momento, formar-se médica. Até lá Adelita buscará vencer os desafios diários e sonhar com uma sociedade justa e igualitária.

A educação é um ponto que eu sempre defendo, pois foi um ponto de virada em minha vida. Ter acesso à educação, a livros, à cultura, ao esporte mudou quem eu sou e me fez ser quem eu sou hoje. Eu acredito que isso pode ajudar muita gente. Mas, eu sei que esse acesso é muito pequeno e muito escasso e, por isso, precisa ser melhorado para o mundo ser um pouquinho melhor!

2.3 Bill, o TDAH da computação

No momento da entrevista, Bill tinha 21 anos de idade. Nasceu em Belo Horizonte, mas, segundo ele, foi criado em Divinópolis. Ele conta que estudou durante todo o ensino fundamental em uma escola privada vinculada a uma ordem religiosa católica e realizou o ensino médio no CEFET no curso de informática, modalidade integrada. Bill tem uma irmã mais velha, que também estudou na mesma escola privada até o fim do ensino médio.

A divisão de minha vida acabou sendo antes do CEFET e pós-CEFET. No CEFET, eu conheci muita coisa que eu não tinha acesso em minha outra escola. Além disso, eu acho que consegui ter uma visão diferente de tudo. Ter a visão de um mundo mais real. Parece que, quando eu estava na outra escola, as coisas ainda não eram muito sérias, eu não tinha muita responsabilidade. Lá no CEFET, era um pouco diferente, ainda mais com o ensino técnico, toda essa cultura de diversidade. Eu me recordo com muito carinho das sextas-culturais, o nosso professor

de Português juntava a escola inteira após o horário de almoço e fazia apresentações de diversos temas culturais. Era muito bom, e eu aprendi muito com isso, tenho muito carinho!

No momento Bill está no 5º período do curso de Ciências da Computação em uma universidade federal e trabalha de forma remota como desenvolvedor de uma empresa do estado de São Paulo. O jovem conta que, logo quando terminou o ensino médio no CEFET, já iniciou a universidade.

Ele relata que a sua primeira experiência com informática técnica foi no CEFET e sentiu-se “apaixonado com a experiência!”. Ele considera que teve muitas oportunidades no decorrer do Ensino Fundamental quando estudava em escola privada e também quando esteve no CEFET. Porém, também sente que perdeu muitas outras chances, pois descobriu logo após ter concluído o ensino médio que possuía transtorno de hiperatividade (TDAH) ou seja, passou toda a sua trajetória escolar sem ter ciência de sua especificidade.

Em minha antiga escola, eu tinha muita dificuldade de estudar, aprender e correr atrás das coisas. Já no CEFET, as aulas eram técnicas, mais liberais e toda a estrutura escolar era um pouco mais livre, eu me sentia mais confortável [com isso]. Senti que meu desempenho lá era muito melhor. No CEFET, o meu acolhimento foi diferente, eu não sabia e não tinha conhecimento [de meu transtorno], nunca tratei disso na infância, mas é notável a diferença em como eu era cobrado e estimulado na minha escola anterior e como eu era cobrado e estimulado no CEFET. Eu não era uma pessoa de anotar e prestar atenção nas coisas, mas só do CEFET me acolher já funcionou para mim. Eu me apaixonei pela computação e estou seguindo nisso até agora.

Para Bill, estudar no CEFET foi uma oportunidade de crescimento pessoal muito grande.

Pela questão do TDH, quando eu estava em minha antiga escola, eu senti que não tive a devida atenção em relação a isso. É necessário que a escola se envolva no desenvolvimento pessoal da criança, e notifique os pais. Eu senti que fui um pouco privado com relação a isso para buscar, tratar e conseguir cuidar. Eu fui um pouco jogado de lado, a minha mãe era chamada muitas vezes na escola, porque eu não estava anotando nada ou porque eu estava distraído e fazendo bagunça na sala. A gente tinha um caderninho de anotações em que as professoras anotavam o que a criança não fez e não entregou. O meu caderno era cheio! Nunca ninguém chegou e notou o porquê disso. Eu nunca tive dificuldade de me manter com boas notas, mas, ainda assim, isso me impediu de alcançar outras oportunidades.

Bill conta que, somente agora, ao frequentar a universidade, é que sente que realmente aprendeu a estudar ao fazer anotações e lembretes. Com relação à sua classe social, Bill considera que ele e a família estão em uma constante crescente. Na infância, o garoto os considerava classe média baixa, contudo, nos dias atuais, segundo ele, movimentaram-se para classe média alta.

Bill acredita que a escola é um espaço de “paixão pelo aprendizado”, no qual se sente muito envolvido. No entanto, sempre se lembra de que a instituição de ensino também foi um lugar que “não o acolheu por muito tempo e o deixou confuso”, fato que não deixou essa lembrança esquecida.

Ele relata que o incentivo para ingressar no CEFET partiu do pai, que o apresentou à instituição e disponibilizou-se a arcar com as despesas referentes ao cursinho preparatório.

Em alguns meses antes da prova, eu nem tinha conhecimento, quem me falou foi meu pai. Nem sabia que tinha uma escola técnica [em Divinópolis]. Primeiro eu resisti à ideia, pois eu não sabia o que era e não tinha, ao certo, uma perspectiva de futuro ainda. Mas, eu fiz, pois alguns amigos iam tentar o CEFET também.

Bill conta que a escolha do curso aconteceu de forma insegura embora tivesse preferências por alguns cursos, em especial voltados à tecnologia. “Sempre me envolvi com tecnologia e pensei que talvez fosse algo que eu iria gostar e acabei acertando. Até o 2º ano do ensino médio, eu ainda não tinha muita noção do que queria fazer”.

A família do jovem já contava que ele seguiria o ramo da computação. Ele conta que ela sempre o apoiou de forma bem tranquila e ressalta que o CEFET auxiliou em sua projeção de futuro.

Eu fui perguntando aos professores sobre o que eu poderia fazer. No primeiro ano, eu já me apaixonei por informática! Mas, realmente foi apenas no 3º ano que eu soube o que queria fazer. Eu nunca fui treineiro, [o ano em que entrou] foi o primeiro ano que tentei o Enem. Nunca me envolvi muito com essas projeções de futuro.

A transição da escola particular para o CEFET ocorreu de maneira bem espontânea, pois Bill sentiu-se acolhido desde o primeiro momento.

Eu não senti nenhuma restrição ou nada que me bloqueasse em ser quem eu era. Além disso, algumas das pessoas que estudaram comigo, seja no cursinho, seja na escola, também entraram no CEFET. [...] O CEFET me acolheu de primeira, eu me sentia muito bem lá. Passava muito tempo com pessoas que eu adorava, até os professores. Era tão aconchegante, que eu me senti acolhido!

No entanto, essa transição não aconteceu de forma tão espontânea no tocante ao ensino técnico. Bill ressalta que a liberdade é valiosa e é uma grande aliada quando se trata de educar.

Pelo ensino técnico eu acabei estranhando no primeiro momento. Era algo novo, uma estrutura de ensino diferente. Isso eu acabei estranhando, mas rapidinho eu me acostumei. [...] Estranhei no primeiro ano a liberdade que tinha. Eu vim de uma escola muito tradicional, em que era necessário pedir para sair e ir ao banheiro. Eu vendo aquela liberdade, às vezes nem sabia o que fazer!

Segundo Bill, a experiência com a diversidade presente na instituição realmente o transformou e proporcionou inúmeras oportunidades para ampliação de sua visão de mundo, transformando também o seu projeto de vida. De fato, foi no CEFET-MG, a partir do contato com a técnica, que o jovem definiu seu projeto de futuro profissional.

O CEFET trazia outras culturas e outras comunidades lá para dentro. Ele me deu acesso aos esportes, às competições esportivas e eu acabei participando dos eventos do CEFET e das escolas federais do país todo. A gente foi jogar com as outras escolas federais lá em Belo Horizonte. Em minha antiga escola não tinha essa cultura de participação esportiva e de competição amigável. Essas oportunidades também me mostraram muito sobre a minha área da informática e da computação. Até hoje, muitas coisas que eu aprendi no CEFET me trazem uma facilidade tremenda, alguns conceitos até de outras áreas. Parece que eu estava saboreando todos os sorvetes da área da computação.

A entrada no CEFET também foi responsável por algumas mudanças na rotina de Bill. Ele conta que fazia aulas de violão e praticava alguns esportes, mas foi necessário sair de todas essas atividades em razão das demandas da instituição. “Mudou muito o ritmo, mas depois eu acostumei, não era algo pesado. Era muito, mas não era pesado”. Além disso, como morava bem próximo de sua antiga escola, Bill sempre ia e voltava para casa a pé. Já no CEFET, foi necessário ir e voltar de van devido a distância de sua casa.

O orgulho em ser um estudante do CEFET era um sentimento presente e constante na memória de Bill. No entanto, ele não se vangloriava disso.

Eu percebi que as pessoas valorizavam bastante ter estudado no CEFET, sempre teve uma valorização por parte das outras pessoas. [...] Eu sentia orgulho por ser do CEFET, é claro! Essa valorização eu sinto até hoje, muito orgulho por ter feito parte do CEFET, pois isso me engrandeceu muito como pessoa.

As vivências de Bill no CEFET modificaram a sua visão de mundo, uma vez que, ao vivenciar as práticas mantidas na escola, foi possível ter contato com estudantes de diversas classes, culturas e etnias diferentes.

A minha experiência com o CEFET foi completamente diferente, lá para mim era uma segunda casa. Por isso que eu divido a minha vida em pré-CEFET e pós-CEFET, porque a partir de lá que eu comecei a me desenvolver pessoalmente, para “estourar a minha bolha social”. [...] Foi no CEFET que eu tive contato com pessoas negras e de outras etnias. Em minha antiga escola, eu não tive quase contato nenhum. Foi aí que eu consegui enxergar a realidade de muita gente. Igual, a gente tinha as sextas culturais, que trazia para nós as comunidades, outras culturas e mostrava a realidade desse pessoal. Isso foi quase que abrir a cabeça e os olhos para uma realidade que eu não conseguia enxergar, porque eu não vivo ela. Foi muito importante para mim conseguir aprender e observar esse pessoal.

No entanto, é possível observar diferenciações dentro dos grupos mesmo que haja o sistema das cotas raciais e sociais. De acordo com Bill, o processo de aprendizagem ainda é defasado dentro de alguns deles, e isso ocorre, na maioria das vezes, dentro dos grupos de estudantes que não desfrutaram de uma trajetória semelhante à sua. Cabe acrescentar que ensino e aprendizagem são coisas distintas; o ensino, embora suas bases possam ser padronizadas pela Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, pode ser adaptado de acordo com correntes pedagógicas distintas e em um recorte ainda restritivo, adaptado à didática do professor. Já a aprendizagem, por sua vez, está atrelada a outros fatores, como o psicológico do estudante, a vida particular e familiar deste, suas limitações materiais, doenças que impedem ou limitam sua ida à escola etc.

Mesmo que o CEFET possua as cotas, ainda era possível ver que a aprendizagem era mais defasada dentro de alguns grupos. Quando eu estudei lá, isso ainda não era muito gritante. Percebi com relação à questão econômica que havia um pessoal que necessitava do bandeirão e dependia bastante da rotina do jantar, do café e das bolsas de iniciação que o CEFET oferecia. Percebi que era importante até para trazer uma certa segurança para essas pessoas.

Foram muitas amizades feitas no CEFET, desde amigos mais novos até mais velhos, de outros cursos, com outras vivências, com os quais mantém contato até nos dias de hoje. Bill relatou que ainda não completou o estágio referente ao curso técnico, então, legalmente, ainda não está diplomado como técnico do CEFET. Ele diz que não

completou essa exigência curricular, pois se considerava um aluno dedicado o bastante e sempre se sentia inseguro com suas notas.

Os projetos em curto prazo do jovem se resumem em concluir o curso superior e se manter estável no emprego. Além disso, pretende participar de alguns projetos realizados dentro e fora da universidade. Bill conta que integra um grupo de amigos do CEFET que cria e desenvolve projetos com vistas a terem a própria empresa na área da computação.

Entretanto, ele diz que essas são apenas algumas ideias e que “tem alguns interesses, mas nada já está definido”. Contudo, para seguir esse caminho, ele sabe que será necessário passar por alguns desafios.

Eu queria trabalhar na área de desenvolvimento, eu sei as projeções do mercado, mas esse é um mercado que evolui muito rápido. É um trabalho que precisa estudar o tempo todo. Consigo ver as diversas áreas, principalmente as que eu tenho interesse dentro da computação. Tenho um interesse maior em seguir nas áreas mais específicas da computação, como visão computacional, computação de imagem, penso talvez em seguir nessas áreas.

Bill conta que a cobrança que sente em relação aos pais é a de “estar na universidade, no mercado de trabalho e manter a constante produtividade em alta”. Contudo, os pais são muito presentes e o auxiliam no que precisa.

Não é uma pressão muito grande. A pressão maior é a da comunidade tecnológica em si por ser muito rápida e ter que se atualizar a todo momento. A gente está sempre vendo oportunidades, no entanto, devido à pandemia, eu sinto ter ficado um pouco para trás. Eu sinto que preciso fazer projetos, estudar mais e incrementar no meu currículo, porque parece que vou ficar atrás a todo momento.

Ele se sente livre para realizar suas próprias escolhas relacionadas à profissão e acrescenta que o acesso igualitário e justo para todos seria seu maior sonho para a sociedade.

Meu sonho seria se todo mundo tivesse, primeiramente, acesso ao básico. Depois acesso ao muito além do básico. É fenomenal o poder que a computação e a tecnologia têm, e dói muito saber que há muita gente que não possui acesso a isso e tem que lutar diariamente para sobreviver. O jeito que a sociedade está estruturada agora não dá suporte para essas pessoas de forma alguma. Isso é o que me machuca bastante, eu gostaria que isso mudasse. Eu consigo ver que tem alguns países e várias cidades que estão caminhando para uma sociedade mais igualitária e de oportunidades iguais. Acredito que o Brasil fez alguns avanços significativos no passado, mas, neste momento, há defasagens.

Os projetos em longo prazo de Bill são também relacionados à igualdade e à justiça social, intrinsecamente ligados à questão do ensino e das oportunidades.

A longo prazo, eu gostaria de criar um projeto para as pessoas com condições menores, porque, por mais que as cotas atinjam alguns grupos, ela ainda não atinge a todos. Eu gostaria de criar projetos e trazer isso intensivamente a outras culturas e comunidades. Quero trazer [a essas pessoas] as oportunidades que eu tive no CEFET e as que eu estou tendo na computação, porque eu vejo que isso é uma ferramenta muito poderosa e muita gente precisa desse espaço.

2.4 A história de Nathan

No ano de 2022, Nathan tinha 21 anos e atualmente está cursando medicina veterinária em uma universidade federal. Ele atualmente mora sozinho no apartamento do pai, em Belo Horizonte. Ele conta que, desde os dois anos de idade até o nono ano do ensino fundamental, estudou numa única escola privada e de cunho religioso. Nathan diz que, apesar de ter tido uma educação religiosa e tradicional, gostou muito do ensino que teve.

Ele relata que sua vida, até então, tem sido dedicada somente aos estudos. “Passei em dois vestibulares, no CEFET e na faculdade, que foram divisores de água na minha vida”. Nathan diz que, durante a pandemia, havia passado no vestibular de uma universidade privada, mas trancou e fez novamente o Enem e, dessa forma, conseguiu ingressar em uma universidade federal. Além disso, conta que tem se dedicado somente aos estudos, pois a universidade ocorre em período integral. Ele considera que teve boas oportunidades durante a vida.

Desde cedo, meu pai me colocou em uma escola que ele considerava melhor... por ele ser um homem mais tradicional, optou pela escola vinculada a uma ordem religiosa. Ele sempre prezou para que eu conseguisse falar inglês e eu sempre fiz atividades físicas, como natação.

Os pais de Nathan são separados e, por isso, ele conta que vive uma condição atípica. “De um lado eu vejo uma coisa, e do outro lado vejo outra. Do lado do meu pai, eu vejo uma estabilidade financeira. Por isso, eu o encaixaria como classe média alta”. Ele relata que o pai é proprietário de uma microempresa em Divinópolis, com cerca de 7 funcionários. A mãe, por sua vez, é vendedora em uma loja de piscinas, e ele a considera como classe média baixa. “Nunca me faltou nada, pois o meu pai nunca deixou que faltasse nada para mim”.

Nathan vê o papel da escola na sociedade como um lugar de crescimento pessoal, assim como foi para ele.

A escola é muito importante para o desenvolvimento da maturidade, do social e é um espaço em que a sabedoria e a informação exercem papéis secundários. O principal seria para o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade... por estar incluso no ambiente, com os alunos, as amizades e o conhecimento das outras pessoas que estão ali dentro.

Ele fez EPTNM em Produção de Moda e salientou que, antes de entrar nesse curso, não possuía interesse pela área da moda. “Fiz o vestibular para produção de moda, porque é um curso mais fácil de entrar. Mas, eu quase fiz graduação em design de moda. Quase segui nessa área, mas mudei de ideia na última hora”.

Até o 9º ano escolar, Nathan não fazia ideia de que o CEFET existia. No entanto, viu que alguns amigos estavam fazendo o pré-CEFET, os quais contaram a ele que a instituição “é uma escola pública de excelente qualidade”. A partir daí, ele realizou o processo seletivo, com a intenção de minimizar os gastos familiares destinados à sua educação. “Eu nunca quis dar trabalho nem para a minha mãe e nem para o meu pai. Então, pensando que eu teria uma educação tão boa quanto eu tinha na escola do ensino fundamental, e que seria em uma escola pública, eu abri os meus olhos”. Ele também conta que apresentou o CEFET para os pais. “É engraçado que o CEFET está aqui há tanto tempo, e muita gente não o conhece”.

Nathan ainda relata que o incentivo de realizar o processo seletivo do CEFET não partiu dos professores, pois estes eram contrários à ida dos alunos para uma escola pública, ou seja, não queriam perder clientela. “Sempre me falavam que o CEFET era para poucos e que nós iríamos ter uma responsabilidade muito grande em nossas mãos”.

Uma das maiores discrepâncias que Nathan percebeu entre o CEFET e a escola anterior tem relação com a liberdade no ambiente escolar.

Eu sempre fui muito tradicional, até mesmo por ter tido uma educação tradicional. Mas, lá eu me deparei com mais liberdade, e por sempre ser mais agitado e bagunceiro, foi algo que achei positivo. Eu senti que, no primeiro momento, tinha mais liberdade e podia fazer o que eu quisesse. No primeiro momento, eu achei ótimo, mas isso foi até prejudicial para mim depois. Eu podia sair da sala quando quisesse e podia interagir com as outras turmas. Todas as turmas ficam em um só corredor, então lá nós temos uma interação muito grande com todo mundo.

O método de avaliação também foi uma mudança percebida com relação à escola anterior.

O método de avaliação lá é igual na faculdade, você não tem recuperação por trimestres, igual no ensino médio. Em minha antiga escola, se você não atingisse a média no trimestre, você poderia conseguir recuperá-lo, então era bem mais simples. Lá era o ano todo, se não atingisse a nota no fim do ano, teria que fazer a recuperação. No primeiro ano eu passei com 60 pontos em matemática e o segundo ano com 60 pontos em Física.

Nathan diz que sempre foi um aluno destacado e que não precisava estudar para se manter dentro da média, mas, antes de entrar no CEFET, fez cursinho pré-vestibular.

Quando apertava em minha antiga escola, eu estudava e passava com tranquilidade. Já no CEFET, percebi que eu deveria estudar mais, essa liberdade que a gente tinha me prejudicou. No segundo ano, eu passei com 60 pontos em Física, mas foi uma situação atípica, pois houve uma troca de professores.

Ele conta que, nessa época, foi necessário trocar o professor regente, e essa inconstância interferiu em suas notas.

Essa liberdade custou quase a minha aprovação. Quando tinha atividades que valiam 2 ou 3 pontos, eu não fazia, e no fim isso fez muita falta. Todos os dias, os professores passavam uma lista de exercícios para fazermos e entregarmos na outra semana. No 1º ano, quase sempre eu não entregava nenhuma. Isso quase custou a minha reprovação.

Nathan via o cotidiano escolar no CEFET como dinâmico e inovador. “Foram três anos, mas parece que foi mais tempo, porque lá não tinha monotonia, sempre tinha gente nova. No terceiro ano, eu fiz o Enem, e antes disso participei de vários campeonatos com o CEFET”. Ele relata também que, na antiga escola, ele não participava de campeonatos esportivos, pois não havia muito incentivo nessa área.

O jovem citou as atividades culturais que ocorriam no CEFET. Ele relata que foi um momento de grande desenvolvimento cultural e político.

Tinha apresentações com temáticas diferentes, como música e teatro. Esse engrandecimento na parte cultural, isso foi muito importante. O aprendizado no campo da política também foi muito importante, porque eu cheguei lá com um pensamento bem tradicional e, no decorrer das aulas, eu fui abrindo a cabeça.

Outra virtude atribuída por Nathan à cultura escolar do CEFET é a formação dos professores e suas atitudes democráticas e envolventes.

Eu debatia nas aulas e isso era muito importante. Os professores promoviam, uma vez por ano, um evento de debates. Eram grupos de 3 pessoas que discutiam ideias e 1 grupo se tornava o campeão. Havia

dois grupos que faziam um debate sobre algum tema e um era a favor e o outro contra. Essas aulas eram muito importantes não somente para formar a opinião, mas também para aprendermos a como debater e apresentar as ideias de forma organizada.

Nathan salienta que houve algumas mudanças com relação ao ritmo do cotidiano, uma vez que ele ia para a outra escola de van, de carro ou, até mesmo, a pé, pois houve uma determinada fase em que residia perto da escola. Dessa forma, nunca foi necessário ir de ônibus para a escola nessa época. Já quando ingressou no CEFET, passou a ir de ônibus para a escola e, para isso, precisava acordar mais cedo diariamente.

Quando eu estudava no CEFET, acordava às 05h50 pegava o ônibus às 06h20 e chegava no CEFET às 07h. Tive que aprender a andar de ônibus. Quando eu estudava na minha antiga escola, almoçava em casa, pois a minha mãe fazia a comida. [...] Já no CEFET, eu almoçava no bandeirão e amava, sinto muita falta dele! [...] Eu gostava muito de futebol, mas, quando eu entrei no CEFET, não conseguia assistir aos jogos, porque começavam muito tarde e eu precisava acordar muito cedo para estudar. Depois, eu deixei de fazer questão de assisti-los.

Nathan conta que havia muitas pessoas que valorizavam ser um “estudante do CEFET”. Ele diz que isso mexia com a autoestima de muitos, mas ele não se sentia superior a outros alunos por isso apesar de reconhecer o quanto o ensino é eficiente.

Eu não via muita diferença da educação do CEFET para a educação que eu tive na escola particular em questão de qualidade. Então, fazendo essa comparação com o meu núcleo, que eram pessoas de escola particular, eu tinha essa autoestima por estar em uma escola de tão boa qualidade e federal, mas eu não me sentia tão em destaque. Porque essas pessoas do meu núcleo, que continuaram estudando na minha escola antiga ou foram para outra escola particular, também tinham uma educação do mesmo nível. [...] Os professores de minha própria antiga escola falaram para que os alunos não fossem, mas, quando passamos, fomos exibidos. Então, você tem aquele sentimento de que você está em um patamar mais elevado!

A passagem pelo CEFET foi importante para abrir a visão de mundo de Nathan e, a partir disso, ele conseguiu repensar o seu projeto de vida. “O CEFET abriu um leque de opções que eu não imaginava! Eu nunca tive o sonho de fazer medicina veterinária e agora estou me encontrando nessa área”. Além disso, ele salienta:

Foi no CEFET que eu tive o *start*, mas eu acredito que não foi por mérito do CEFET, e sim por conta própria. No entanto, o CEFET me abriu esse leque, porque me mostrou as áreas da engenharia, da moda e me fez considerar também a carreira acadêmica. Isso na minha antiga escola quase nunca é considerado, mas, quando estamos no CEFET,

percebemos que você ser professor e ser bem remunerado é uma oportunidade real.

Nathan conta que a formação proporcionada no CEFET é muito boa, seja a do ensino técnico, a do ensino científico, humanístico e das linguagens. No entanto, ele cita que a contratação dos professores substitutos acontece de uma forma que não é totalmente eficiente, fato que pode interferir na aprendizagem.

Às vezes temos um professor que irá ficar ali a vida toda e não pode ser demitido porque é concursado, e tem também outros que são bons professores, mas, por serem contratados, não podem continuar mesmo que a turma queira e o resultado venha. Isso prejudica os alunos, porque, se fosse uma escola particular, isso não aconteceria. Essa estabilidade e a burocracia para manter um professor que não é concursado, prejudicam os alunos de maneira geral.

Ele percebia que, nos cursos de Informática e Engenharia, não havia segregação quase nenhuma. No entanto, acredita que, em razão de o curso de moda ser majoritariamente feminino, houve uma certa separação da sala em grupos, sendo essa separação feita, em algumas vezes, em função da classe social dos estudantes.

Alguns grupos, coincidentemente ou não, eram grupos de pessoas com classes sociais parecidas. Essas amizades [...] têm essa diferenciação de classe social não propositalmente, mas por afinidade. No fim das contas, você tem um grupo de meninas que veio de escola particular e outro grupo de meninas que veio de escola pública (...).

No entanto, para Nathan, a interação entre estudantes de escola pública e de estudantes de escolas particulares era indiferente. Ele conta que havia algumas situações, ocorridas em sala de aula, em que a discrepância das classes sociais era nítida.

Havia uma menina que sempre quando combinávamos algo, como uma festa de aniversário e pedíamos para cada um levar cinco reais para comprar os salgadinhos, sempre falava que não tinha. (...) Ela sempre dizia que a situação em casa estava um pouco difícil e que por isso não teria condições de trocá-la.

Para Nathan, havia privilégios até mesmo dentro dos grupos dos cotistas, uma vez que era possível observar, por parte desses, um melhor nível financeiro e mais acessibilidade quando comparados a outros sujeitos de níveis econômicos mais baixos.

Não era fácil observar essas coisas, até mesmo quem entrou no CEFET com a cota não era de muita baixa renda. É um pessoal que, entre quem tem uma renda mais baixa, ainda é privilegiado. Até na universidade,

eu sinto isso, o pessoal que entrou na universidade através da cota não é muito abaixo no nível econômico, é um pessoal que está abaixo, mas, mesmo assim, tem um certo privilégio. (...)

Outro fator de discrepância entre os estudantes provenientes de escolas particulares e públicas era em relação ao ensino da língua inglesa. Os alunos oriundos de escolas particulares possuíam fluência no idioma, enquanto os alunos oriundos de escolas públicas não possuíam tanto domínio da língua estrangeira.

No inglês, a diferenciação acadêmica era muito grande! As meninas de escolas públicas não sabiam nada de Inglês, e as meninas de escolas particulares pediam até dispensa na matéria, pois já eram fluentes na língua. Na área das humanidades, era bem equiparado, na área das exatas havia um pouco de diferença, mas não como no Inglês. Já nas áreas de química, biologia e geografia, era bem equiparado. A área das humanidades é um destaque, talvez o pessoal das escolas públicas tinha uma base melhor do que o pessoal de escola particular, eles tinham um conhecimento muito grande.

Nathan relata que tem muitas amigas provenientes de escolas públicas, mas não são a maioria. Ele conta também que sentiu fraca a parte técnica do ensino integrado nos primeiro e segundo anos, pois sempre passava com facilidade nas matérias e não havia muitas cobranças. Por isso, sentiu essa fase ser mais tranquila, mas não sentiu ter aprendido muito. No entanto, no último ano, ao realizar o TCC, sentiu que aprendeu muito, pois colocou em prática tudo o que aprendeu na teoria.

Ele declara que não sabia qual caminho iria cursar quando finalizou o ensino médio e diz que “estava completamente perdido”.

Eu estava completamente desgovernado, tanto é que eu fui para o Rio Grande do Sul. Eu sempre soube que gostaria de fazer algo na área das ciências biológicas, mas considerava agronomia e botânica. Mas, analisando as opções que eu tinha, achei que medicina veterinária era a área que mais me agradava. Apesar de nunca ter sido a minha paixão de infância, pois eu tenho companheiros de sala que são assim, já sabiam desde novinhos o que queriam. Eu sempre gostei muito de mexer com animais, mas não sabia qual curso iria cursar e nem para qual faculdade iria. Percebi que estava perdendo muito com as aulas on-line e nós não teríamos as reposições dessas aulas [de forma presencial], então eu fiz o primeiro semestre de 2021, tranquei o segundo semestre e estudei para o Enem. Passei na federal neste último semestre.

Os projetos em longo prazo de Nathan priorizam a conclusão da faculdade. “É uma área muito ampla e tem muitos campos para trabalhar”. Seu plano em curto prazo é

continuar na universidade, concluí-la e experimentar as áreas da medicina veterinária para conseguir escolher qual especialização seguir.

A questão financeira tem importância no momento dessa escolha, e os pais têm noção de que ele precisa escolher o que é melhor para ele. Nathan pensa que às vezes isso pode incomodá-los embora não falem sobre isso diretamente com ele. A mãe já sugeriu o curso de publicidade em razão de o jovem ser muito comunicativo.

No entanto, quando ele continuou no curso de medicina veterinária, ela não citou mais essa possibilidade. Já o pai considera importante ter um curso de graduação, e dizia que ele podia continuar na empresa caso tudo não saísse como o previsto. Contudo, Nathan diz que se sente livre para realizar essas escolhas e acredita que falta de determinação é o maior desafio a superar.

Ele diz que não acredita ser possível haver um mundo com igualdade total, mas tem o sonho de ter um futuro com uma realidade semelhante ao que já acontece em outros lugares, com bem-estar social para quem não tem as melhores condições financeiras e está inserido na base da pirâmide.

Gostaria que essas pessoas tenham a condição de fazer, o que para nós, é um privilégio. Quero que tenham condições de comer as melhores comidas, ter a alimentação garantida, uma casa boa para morar, e poder viajar. Se a base da pirâmide tivesse boas condições de vida e fosse feliz, já seria um grande avanço para a sociedade. Ter o mínimo que para que não precisasse se preocupar com quais alimentos vai consumir, ou com o preço da carne e da gasolina. Ter condições de uma vida mais estável.

Por isso, preza muito pela autenticidade e considera muito importante a responsabilidade. “Todo mundo tinha que escolher o que fazer e falar. Ter liberdade de escolha, mas ser responsável pelas suas decisões”.

2.5. O percurso de Micaela

Micaela estudou em uma escola privada e religiosa mesmo sua família tendo orientação religiosa espírita. Realizou a EPTNM em *design* de moda no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Atualmente, ela faz cursinho pré-vestibular extensivo em Belo Horizonte, mas, quando acabar, pretende voltar para Divinópolis e aguardar o Sisu do próximo ano para o curso de Matemática, tendo como instituições pretendidas a Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O plano atual de Micaela é o de optar pela Uemg. ela conta que aprendeu a ler quando ainda estava na Educação Infantil, em uma escola que a marcou muito. Ela já conseguia ler quando estava no início do ensino fundamental, na escola privada e religiosa, diferentemente de seus colegas de sala. Micaela diz que não achou essa mudança de escola uma experiência muito drástica e afirma que gostou da escola religiosa da qual passou a se sentir parte. Contudo, nem sempre foi assim.

Nessa escola religiosa, havia muita briga, e os alunos não praticavam o Cristianismo, que víamos na disciplina de Ensino Religioso. Nunca sofri preconceito na escola por ser de outra religião. Eu gostava dos professores, gostava do ensino, mas o que sentia mais diferença é que lá os professores tinham muita dificuldade de controlar a sala. Sempre tinha muita conversa paralela na sala de aula, e isso me incomodava muito. Eu me lembro dos alunos da escolinha do maternal serem mais respeitosos, e quando mudei de escola isso contrastou bastante e me acompanhou durante todo o ensino fundamental. Eu lembro que eu não enturmava muito, porque eu não gostava de panelinhas, eu gostava de conversar e de ajudar todo mundo.

Além disso, Micaela conta que estudava bastante e sempre buscava ajudar os colegas de sala, mas, mesmo assim, não se sentia integrada e envolvida com a turma.

Sempre fui uma boa aluna, sempre fui um pouquinho boa em cada matéria, mas nunca me destaquei em nenhuma. Eu ajudava meus colegas de sala a estudarem embora eles não enturmassem muito comigo. Eu sentia que eu era um pouquinho diferente, porque, além de ser espírita, a minha mãe sempre foi muito rígida. Em casa, eu já era acostumada com a rigidez que havia na escola religiosa. A minha mãe não era rígida no sentido de não me deixar fazer as coisas, e sim no sentido de ter as coisas. Eu só fui ter telefone celular quando eu passei no CEFET, e esse foi um problema, porque eu não tinha celular na escola antiga, e todos os meus colegas de sala tinham.

Micaela relata que se sente presa o tempo todo, e que não se sente livre para decidir, de forma autônoma, o seu projeto de vida, mas tem consciência de seus privilégios e de todo o incentivo que teve durante a vida.

Tem várias coisas que interferem em minha decisão que não vêm de mim, são externas. Como por exemplo o país em que estou e a cidade em que nasci. Mas, eu tenho muitos privilégios e condições de fazer o que eu quiser. Eu não sinto liberdade, o que me atrapalha são as pressões e condições externas. Contudo, condições financeiras e emocionais, eu tenho, sempre tive. Eu tive muito incentivo a estudar.

Micaela conta também que se sentiu privilegiada quando passou no CEFET e declara que “lá não é uma escola, mas um lar”. Por meio disso, é possível perceber que

Micaela sentia-se bem, confortável, envolvida e acolhida dentro do novo ambiente escolar, sendo capaz de vivenciar diversas experiências formativas.

Além disso, relata que muitos estudantes querem entrar no CEFET, mas lá o “ritmo de estudos” é diferente. Micaela diz que três semanas de estudos concentrados e intensos foram necessários para “viver essa experiência”. Nesse sentido, é importante observar toda a trajetória escolar de Micaela, desde a Educação Infantil até os estudos no Ensino Fundamental.

É possível perceber que Micaela estudou em escolas privadas e de tempo integral durante todo esse percurso, o que obviamente interferiu em seu excelente resultado e, conseqüentemente, em sua aprovação no CEFET-MG. “Eu passei sem nem estudar muito, estudando em casa por 3 semanas. Eu já era muito incentivada a estudar também. Então, eu acho que era para acontecer, teve gente que estudou bem mais e não passou”.

Ela conta, ainda, que a passagem para o CEFET foi responsável por muitas mudanças em sua vida e que as vivências foram importantes para seu crescimento pessoal e, até mesmo, para a sua visão de mundo.

O CEFET por ser [em período] integral, eu passava muito tempo lá. Tudo em minha vida mudou! Foram os 3 melhores e piores anos de minha vida, foi a experiência de mudar tudo, de conversar, de ter certas amizades e presenciar certas responsabilidades que eu não tinha antes. Então, o CEFET não foi um divisor de águas para mim, foi um divisor de planetas.

É necessário observar que a educação em tempo integral no CEFET-MG permitia à Micaela não apenas participar das aulas, mas também de outras experiências de socialização, autonomia, liberdade e responsabilidade. Micaela considera-se como de classe média alta, mas relembra que nem sempre sua vida foi assim.

Temos boas condições e dinheiro nunca falta. Na verdade, o dinheiro às vezes atrapalha, porque traz coisas indesejadas. Meus pais têm boas condições, mas eles não tinham nada, trabalhavam 15 horas por dia. Eles vieram de um lugar com muita humildade financeira, e hoje em dia o dinheiro simplesmente vem, nós conseguimos fazer muita coisa com ele e ajudar muita gente.

Micaela declara que ama o espaço escolar e a vê muito presente no dia a dia, um dos motivos está relacionado à profissão do pai, que é médico e professor em uma universidade. Ademais, ela relata que nunca decidiu muitas coisas na vida e, quando foi para o ensino médio, foi sua mãe quem decidiu para onde ela iria, prevendo também qual

curso superior ela iria cursar. “Ela [a mãe] disse que eu iria para uma escola pública para conseguir cotas sociais, pois ela queria que eu fizesse medicina e disse que eu conseguiria passar nesse curso por meio dessas cotas”.

No entanto, Micaela não foi incentivada por parte de alguns professores da escola privada e até ouviu de alguns que não deveria ir para o CEFET, pois não fazia o seu “perfil”. Mas, ela não compartilha desse mesmo pensamento. “Mal sabiam eles que era tudo o que eu precisava vivenciar”.

A garota conta que, ao mudar de escola, sentiu-se incomodada pelo medo de afastar-se das amizades. Embora a instituição privada e religiosa fosse bastante rígida, ela não queria sair de lá, pois gostava dos professores e do ensino ofertado.

Contudo, a mudança para o CEFET permitiu que ela tivesse uma outra visão de mundo ao se deparar com a liberdade e a autonomia presentes no cotidiano das aulas. “No CEFET, a gente podia jogar baralho entre os intervalos e a gente fazia amizades com os estudantes das outras turmas, o que não acontecia na minha antiga escola. Lá [no CEFET], a gente não precisava ir de uniforme, então eu ia de roupa esportiva”.

Ela ainda declara que gostava muito de ficar na quadra poliesportiva durante os dias em que tivesse tempo livre, pois já estaria pronta para jogar caso surgisse oportunidade. A passagem para o CEFET exigiu algumas mudanças no ritmo de vida de Micaela, como locomoção e horários de estudo.

Quando eu estudava na escola antiga, eu acordava cedo e ia e voltava de carro, eu não podia voltar de van. À tarde, eu ficava em casa ou na casa de alguém e à noite eu dormia bem cedo. Já no CEFET, eu ia de van com a minha melhor amiga. [...] No primeiro dia de aula, eu percebi que tudo em minha vida era igual e lá era tudo diferente! Eu pensava: as pessoas vão me ver almoçando, que esquisito! Eu almoço só na minha casa e ninguém me vê mastigando, que esquisito almoçar na escola! No CEFET, foi quando eu comecei a andar de ônibus sozinha, eu tive que aprender e eu gostei de ir de ônibus.

Micaela relata que surpreendeu muitas pessoas quando entrou no CEFET, o que a fez “ter uma moral diferente”. Ela sentia isso ao caminhar pelas ruas da cidade, tal como mostra o excerto: “Andar no centro com a camisa do CEFET chamava a atenção, eles olhavam diferente. Para mim era algo normal, mas para quem olhava de fora chamava a atenção”.

Uma das experiências mais significativas que ela teve foi o torneio esportivo entre os *campi* do CEFET-MG, pois foi quando vivenciou, de fato, uma verdadeira viagem com

a escola, unindo sua paixão pelo esporte. “Na minha antiga escola, eu não podia ir em excursões, então uma excursão com esporte e as pessoas do CEFET era a viagem do ano!”.

Com relação aos projetos de vida, ela salienta que não se sente livre para fazer escolhas, e a capacidade de decidir seus projetos futuros ainda é bem recente em sua vida. Contudo, o CEFET foi capaz de alterar essa visão de mundo e de abrir os campos de possibilidades de sua vida.

Decidir projetos de vida é algo muito recente em minha vida. Eu não me sentia livre, eu não podia nem considerar outras profissões, porque era a profissão que meus pais pensavam para mim. Quando eu fui para o CEFET, eu via várias pessoas pensando em fazer outros cursos e ver as pessoas seguindo caminhos tão diferentes me ajudou muito. Foi maravilhoso ter contato com diferentes pessoas, eu me sentia bem vendo as pessoas serem todas diferentes. Isso era algo muito contrário à minha antiga escola, lá as meninas eram todas iguais, os cabelos eram iguais, as mochilas eram todas do mesmo jeito. Já no CEFET, tinha gente que nem tinha mochila. [...] Lá todo mundo é muito amigo, eu estava no paraíso, porque eu podia ser mais eu, sem essas amarras.

Micaela declara ainda que conheceu pessoas com condições financeiras baixas e que estavam inseridas em um contexto social completamente diferente do seu. Entretanto, isso não causava nenhum ato de discriminação por parte de nenhum estudante, promovia, pelo contrário, um senso de igualdade.

Por mais que eu vivesse em uma bolha, eu sabia que essas pessoas existiam. No espiritismo, a gente preza muito pela caridade, então eu nunca ia tratar elas diferentes. Eu não tinha contato [com elas] e nunca havia tido a oportunidade de conversar com pessoas assim, mas eu sabia da existência. Em minha família, tem muitas pessoas que dependem dos meus pais, então eu tinha esse contato. Foi um processo bom conhecer essas pessoas, porque elas não me discriminavam por eu ter dinheiro, por eu não precisar do bandejão ou por eu comprar lanche para elas. É triste saber dessas situações, mas ninguém interferia na vida de ninguém. Isso não era um fator determinante ou algo que iria te diferenciar.

A rotina de estudos também era um fator complicado para alguns colegas de Micaela, mas ela não sentiu essa dificuldade em manter o ritmo dos estudos.

No primeiro ano do CEFET, muita gente que era de minha antiga escola e passou junto comigo se desesperou muito. Eu não senti essa dificuldade no primeiro ano, porque eu pensei que iria fazer o meu melhor e deu certo. No segundo ano, eu passava nas disciplinas na média, mas eu não queria as melhores notas. No primeiro ano, eu tinha 70% de rendimento mínimo, em minha antiga escola eu tinha 80% e, por mais que eu estudasse muito, eu era uma aluna mediana. No terceiro ano, eu tive o TCC, então foi o ano mais difícil do CEFET para mim. Eu peguei a primeira recuperação da minha vida em química, por conta de 1 ponto.

As escolhas para o futuro são fatores problemáticos para Micaela, seja para fazer suas próprias escolhas de forma autônoma, seja para realizar essas decisões sem suas experiências de vida reais.

Pensar o que eu queria ser quando crescer era o problema de minha vida. No CEFET, as pessoas falavam que eu já iria sair dali e entrar na faculdade; os meus pais falavam que eu iria cursar medicina; já a sociedade falava que eu precisava ganhar dinheiro. Então, era uma pressão muito grande. [...] Eu tive uma oportunidade de ir para o exterior, que foi a experiência que eu tive de conseguir ver o mundo, mas eu sentia que eu não sabia o que era trabalhar. Onde eu trabalharia? Eu nunca vi um dia de trabalho de uma pessoa que é muito diferente de mim e eu não sabia o que fazer, eu não sabia em que eu era boa. Eu sempre gostei um pouco de cada coisa, mas só na atividade física que eu realmente me destacava. Mas, eu não considerava isso, e foi colocado em minha cabeça para seguir algo acadêmico.

Os planos em curto prazo de Micaela são terminar o cursinho e fazer a faculdade de Matemática licenciatura na cidade onde nasceu e onde moram os pais. Já quanto aos planos em longo prazo, ela não define muito, pois não considera a vida muito linear. Contudo, Micaela tem investido na dança, que é sua grande paixão embora essa opção não tenha sido muito valorizada pela família.

É uma das coisas que eu mais gosto de fazer, eu falo que me conecta com Deus. Só que eu nunca considerei, nunca pude considerar e nunca fiz aula de dança. Por isso eu não tive a base que todos os dançarinos da minha idade têm. Mas, com a era da internet, eu pretendo me virar assim mesmo e conciliar a dança com a Matemática.

Micaela pretende trabalhar, ainda, como professora de matemática para ensino fundamental, ensino médio e cursinhos pré-vestibulares, além de ser dançarina autônoma

em eventos específicos. “Eu não quero definir nada, mas, a princípio, eu sei que quero um ambiente de sala de aula e de jovens, igual eu tive no CEFET”.

Micaela destaca que a escolha da profissão já contrariou a mãe, que pretendia que a filha cursasse medicina. Contudo, após muitas conversas e conflitos, atualmente a mãe a apoia nessa decisão. Entretanto, quando o assunto era a escolha da carreira, outros fatores a preocupava.

Eu tinha preocupação da minha profissão ter que sustentar os meus pais, porque eles me sustentaram a vida inteira, então eu quero poder dar a eles o que eles me deram. Mas, depois eu pensei que os meus pais não precisam de mim para isso, eles já conseguiram, já têm a aposentadoria e não precisam do meu dinheiro! No entanto, talvez eles precisem de mim por perto, e é isso que eu vou oferecer a eles. É por isso que eu não quero sair daqui. A profissão de professora de Matemática não me agrada tanto, eu ainda estou aceitando isso. Porque na minha cabeça eu iria ser médica, então esse mundo é muito novo para mim.

Micaela diz que, neste momento de sua vida, sente-se livre para realizar outras escolhas, aceitar novos desafios e, além de tudo, acredita que o mundo adulto é o maior obstáculo para a realização de seu projeto de vida. “Por mais que eu seja positiva, eu sei que não controlo a minha própria vida, por isso o que eu estou procurando fazer no momento e não pensar muito no futuro”.

Antes eu pensava muito no futuro e não vivia o presente. Mas, quando eu estava dançando ou ajudando alguém, esses eram os momentos em que eu estava presente. Quando eu estava sozinha, eu estava sempre angustiada ou ansiosa. Agora, eu decidi que eu não serei mais assim. Com essa experiência, eu posso ser uma professora que, quando uma criança precisar, eu posso conversar com os pais e tentar ajudá-la. Por isso, eu estou vivendo o presente e eu estou muito fascinada. Agora eu estou fazendo o que eu sempre deveria ter feito que é planejar sozinha a minha carreira na dança e não esperar o professor ou a minha mãe deixar.

O sonho de Micaela é que a situação social no Brasil se torne mais igualitária, garantindo acessos para todos e o direito de usufruir deles. Ela acredita ainda que a escolha de sua profissão a ajudará nesse sonho tão nobre. Mesmo com incertezas, Micaela segue com a esperança de que tudo irá melhorar.

Eu gostaria que o Brasil tivesse uma condição mais igualitária, porque eu acho que, por mais que sejamos diferentes, a gente tem que ter condições parecidas, para que possamos usufruir igualmente. Eu ainda acredito que o mundo está progredindo, e a minha fé é essa, que o mundo irá melhorar! Eu quero ser uma agente que ajude nisso, por mais que a minha área de atuação seja pequena, eu quero fazer a diferença onde eu estiver. Eu quero mudar a abordagem educacional. [...] Eu acho que a gente tem que pensar sempre em avançar e diminuir os conflitos, proporcionar às pessoas as mesmas condições, baseando-se sempre nos valores da solidariedade, honestidade, equilíbrio e, acima de tudo, a compaixão!

2.6 A simples e moderna história de Lina Bo Bardi

Lina, em 2022, ocasião da entrevista, tinha 20 anos. Lina é a caçula de um núcleo familiar composto por uma irmã, que atualmente já cursa Jornalismo, o pai, que trabalha como Engenheiro Florestal, e a mãe. Lina estudou durante sua vida toda em escola privada e atualmente está cursando o 5º período de Arquitetura em uma universidade federal. Ela conta que ainda não trabalha, pois acredita que a pandemia atrapalhou o processo de sua inserção no mercado de trabalho.

Por isso, em conversa com os pais, foi decidido que não seria necessário trabalhar neste momento, uma vez que ela se encontra em período de estágios obrigatórios na faculdade, dedicando-se, neste momento, apenas aos estudos.

Eu ainda não trabalho, porque eu senti que a pandemia acabou atrapalhando um pouco e, por eu estudar em outra cidade, às vezes ficava difícil para fazer uma entrevista de emprego. Por isso, eu preferi, por enquanto, já que meus pais concordaram, deixar para trabalhar mais para frente.

Lina conta ainda que sempre teve vontade de cursar arquitetura e gostou dessa área desde criança embora não tenha tido referências na família, como evidencia o recorte: “Eu tenho vontade (de cursar Arquitetura) desde nova. Eu lembro que meus colegas me perguntavam o que eu tinha vontade de fazer, eles sempre diziam que queriam cursar medicina e eu sempre respondia que queria cursar arquitetura”.

Lina também relata que o CEFET foi um marco em sua vida e que mudou completamente seu jeito de pensar e de estudar. “Eu achei que seria apenas mais uma escola em que eu iria estudar, mas lá é uma escola totalmente diferente! Nem parece que estamos no Brasil, parece que estamos em um universo paralelo”.

Lina diz que não precisou fazer cursinho preparatório para passar no CEFET e realizou a avaliação com o conhecimento adquirido ao longo de seu processo escolar regular. “Eu iria fazer o cursinho intensivo de 3 meses antes da prova, pois eu tenho algumas amigas que fizeram. Mas, chegou o momento de fazer e eu pensei que eu já estava com uma boa base, e por isso eu não fiz. Quase que eu não passei, mas deu certo!”.

Ela ainda relata que o curso técnico realizado no CEFET foi de grande importância para seu início da faculdade, uma vez que muitos conteúdos vistos durante o curso técnico foram também aproveitados nos primeiros períodos da graduação. “Moda e arquitetura são muito parecidas com relação ao estilo do curso e às atividades. Por isso, o curso técnico me ajudou muito durante a faculdade”.

Lina conta que lhe foram concedidas muitas oportunidades de crescimento pessoal e de projeção de futuro durante a sua vida, seja pelos pais que sempre incentivaram a realização de atividades extracurriculares, seja pelos lugares onde frequentava.

Meus pais sempre quiseram que eu fizesse alguma atividade extra, eu fiz balé desde os 12 anos e tocava vários instrumentos, então sempre havia alguma apresentação para fazer. O CEFET ainda incentiva isso, na minha antiga escola a gente não tinha muito disso, nós não éramos muito incentivados. Então, os meus pais sempre me incentivaram muito e o CEFET também. Lá (no CEFET), nós tínhamos a Sexta Cultural e era maravilhoso! Eu não participei da primeira sexta cultural do ano, pois voltei para casa mais cedo no dia. Mas, quando cheguei no CEFET na segunda-feira, todos estavam comentando sobre o quanto havia sido bom, e desde então eu só perdia as sextas culturais quando era extremamente necessário.

Lina relata que, antes de entrar no CEFET, era muito tímida e não participava de atividades sociais. Mas, após ter participado de diversas experiências na escola, ela já se sente mais confiante e estimulada a participar de eventos em grupo.

Ademais, ela conta que seu maior privilégio atualmente é conseguir estudar com tranquilidade, pois só é possível manter a rotina de estudos em razão da vida estável que seus pais a permitem ter.

Eu consigo colocar tudo o que eu aprendi até hoje em prática, porque eu estou tranquila, e infelizmente a gente não consegue fazer nada de cabeça quente. Tem pessoas que precisam estagiar antes da hora e é óbvio que isso estressa. Eu tenho colegas que precisarão estagiar antes da hora, porque não sabem como será quando se formarem, e eu não. Eu sei que eu tenho boas notas hoje na faculdade, porque eu tenho tempo de estudar. Eu tenho atividade física em Belo Horizonte, então, se eu fico estressada, tenho pelo menos 1 hora para relaxar e eu sei que tem colegas meus que não têm tempo.

Lina relata que a condição financeira de sua família sempre foi estável e seus pais nunca deixaram faltar nada. Embora em sua antiga escola houvesse famílias com condições financeiras superiores à condição financeira da sua família, Lina afirma que sempre teve muita acessibilidade durante sua vida, como viagens em família durante as férias e atividades extracurriculares, como aulas de idiomas e esportes.

Na escola em que eu estudava tinha muita gente que era bem mais rica que eu, que viajava para a Europa em todas as férias. Nós viajavamos na medida do possível, e os meus pais sempre prezaram pelas atividades extraclasse, então eu sempre precisei fazer aula de Inglês e um esporte. Eu fiz aulas de Inglês até os 15 anos, depois eu me formei e parei. Como meus pais sempre quiseram isso, eu sempre fiz. Havia meses que era um pouquinho mais apertado, porque eram aulas minhas e da minha irmã, mas nossa situação sempre foi estável, nunca ficamos apertados financeiramente nem nada do tipo, não houve inseguranças.

Lina conta que ia para a antiga escola no carro da própria família, e voltava a pé ou de carro com uma colega de sala. Quando Lina entrou no CEFET, continuou a ir de carro para a escola, mas passou a voltar de ônibus. Lina considera sua classe social como média-alta. Conta que já possuía interesse em mudar de escola por questões de perfil. No 8º ano do Ensino Fundamental, já demonstrou vontade de realizar a prova de seleção para o CEFET.

Além disso, ela ressalta que a escola em que estudava era bastante monitorada pelos pais, e os professores, por isso, eram impedidos de trabalharem, muitas vezes, de forma autônoma.

A gente sentia que os professores eram podados. Eu percebi que muitos professores que encontrei após a formatura eram pessoas completamente diferentes na sala de aula, e eu sinto que era em razão dessa corda dos pais.

Lina conta que o motivo de entrar no CEFET veio da vontade em cursar Engenharia Mecatrônica e também da influência de uma amiga, que também realizou o processo de seleção para o Centro Federal.

No dia da inscrição, eu desisti de Engenharia Mecatrônica e pensei em cursar Moda, e graças a Deus que eu mudei, porque a minha mãe é costureira, e isso me ajudou muito a conhecer os nomes dos tecidos. Isso foi a minha sorte, porque eu acho que, se eu não tivesse feito o curso de Moda, eu não estaria cursando Arquitetura hoje.

Ademais, Lina conta que muitos professores de sua antiga escola não incentivavam os estudantes a realizarem a prova de seleção do CEFET. Ela ainda relata que muitos professores desestimulavam os alunos e também não davam boas indicações do Centro Federal.

A coordenação pediu aos professores que desestimulassem os alunos a realizarem as provas, e, na semana da avaliação de seleção, muitos professores conversaram conosco e disseram que lá não era uma escola legal e que o perfil de estudantes era os que já pensavam em trabalhar quando saíssem de lá. Eles disseram que nós precisávamos fazer uma faculdade e que o CEFET não é uma escola que nos prepara para a faculdade. Eu e minha amiga não levamos isso em consideração, e particularmente, eu acho que é mentira porque todos da minha sala passaram na faculdade na primeira tentativa e no curso que queriam. Além de que já estávamos acostumados com o ritmo de estudos e das atividades a serem feitas.

Lina ainda afirma que se sentia singular dentro do CEFET, o que acontecia de forma contrária à antiga escola. “Eu sentia que no CEFET eu era a Lina que estudava no CEFET, e não a aluna do CEFET que se chama Lina”.

Além disso, a garota relata que sentia liberdade dentro do Centro e que sempre foi vista como um indivíduo e não como aluna, tendo suas individualidades e necessidades respeitadas e preservadas. “Hoje em dia, eu acho um absurdo precisar pedir ao professor para ir beber uma água. [...] O professor não ficava cobrando se você estava ou não em sala, de que adianta ir para a escola se você não está em um bom dia?”.

Lina também relata que, em função do tempo que as atividades do CEFET demandavam, foi necessário deixar de participar de algumas atividades, como o balé. Além disso, passou a almoçar no CEFET junto aos demais educandos. Ela conta, ainda, que sua autoestima e sua autoimagem melhoraram muito após sua passagem pelo CEFET.

A minha autoestima melhorou não somente no que diz respeito aos estudos, mas também melhorou a minha autoimagem. Eu sei que eu estaria de escova progressiva até hoje se eu estivesse em minha antiga escola, eu lembro que tinha colegas que me avisam que a minha escova progressiva estava acabando. O CEFET foi um lugar que mexeu com a minha autoimagem, porque eu convivi com pessoas diferentes. Eu não lembro de ter uma colega com o cabelo cacheado na minha antiga escola, e eu via muitas pessoas bonitas de cabelo cacheado no CEFET, então eu pensei que também poderia ficar bonita usando cabelo cacheado.

Lina afirma que o CEFET agregou muito em sua visão de mundo e nos seus projetos de vida, uma vez que, durante seus estudos no Centro Federal, foi possível perceber quão valiosa é uma educação de qualidade.

Eu tinha uma professora de Sociologia que abriu os meus olhos. A gente sempre pensa que iremos nos formar, receber muito dinheiro e viajar muito. Mas, o CEFET colocou os meus pés no chão, e eu comecei a pensar que quero trabalhar para ajudar as pessoas que não têm moradia. Eu quero trabalhar não somente para ganhar dinheiro, porque, se hoje em dia eu usufruo de um bem público, eu quero trabalhar para devolver isso ao público também.

A passagem pelo CEFET permitiu que Lina desenvolvesse um olhar mais sensível às questões sociais, o que interferiu positivamente em sua visão de mundo e em seu projeto de vida.

Minha professora sempre falava que não precisávamos mudar o mundo, mas, se eu construísse uma casa economizando materiais, eu já estaria provocando menos impacto ambiental. Também, se eu reformar uma casa popular e cobrar um valor mais acessível ou, até mesmo, nem receber, já é algo que pode ajudar. É preciso pensar nisso, e antes de eu entrar no CEFET eu não possuía essa visão, porque lá é um lugar em que vemos bastante sobre isso, sobre como o meu trabalho irá servir para todos.

Lina acrescenta que a diversidade étnica, econômica e racial dos alunos nunca foram fatores pertinentes para a interação e socialização entre os estudantes do Centro Federal. No entanto, foi possível perceber algumas diversidades acadêmicas, relacionadas à vivência antes da passagem pelo CEFET.

Eu tinha um curso de Inglês por fora e por isso eu pegava dispensa dessa disciplina, e algumas amigas minhas diziam que estavam com bastante dificuldade, e eu já não tinha pelo fato de ter feito as aulas de Inglês antes de entrar no CEFET. Essa foi uma base que eu tive, e muitas pessoas não tiveram essa oportunidade. Eu via muitas pessoas não passando em Inglês, e eu ficava impressionada com isso.

Lina relata que seu projeto em curto prazo é se formar em Arquitetura e, em médio prazo, é se envolver em pesquisas que possam agregar à vida de outras pessoas. Em longo prazo, ela pretende seguir a carreira acadêmica, pois é um caminho que desperta seu interesse.

Quando os períodos foram passando, eu pensava que queria muito ser professora, e eu passei a observar os professores que eu não gosto muito da didática e pensava se eu estivesse lecionando aquela aula de forma diferente. Já os professores que eu gosto muito da didática, eu pensava que queria ser igual a eles. [...] Eu quero seguir o caminho de organização de cidades, mas depois disso quero ser professora de Arquitetura. Imagino que deve ser muito legal sempre conhecer pessoas novas, e eu acho que dar aula te impede de envelhecer academicamente.

Além disso, Lina complementa que seus pais sempre mantiveram uma relação aberta e saudável com ela e sua irmã, sempre incentivando os estudos de forma livre e autônoma, deixando-as à vontade para realizarem suas próprias escolhas. Ademais, a garota revela que tem o sonho de que a população tenha condições de vida dignas e moradias estáveis para residir e que o amor é a chave para realizar grandes feitos.

Eu queria que as pessoas parassem de construir prédios e olhassem a quantidade de prédios que têm na cidade e a quantidade de pessoas que têm na rua. [...] Não há como melhorar a vida de alguém se a pessoa não tem onde morar. [...] Se trabalharmos como sociedade, as coisas funcionam bem, a engrenagem só funciona se todos estiverem girando!

3 ANÁLISE A PARTIR DA ESCUTA DOS PROJETOS DE VIDA E DA VISÃO DE MUNDO DE JOVENS DE CLASSE MÉDIA DA EPTNM DA RFEPCT

Neste capítulo, é apresentada a análise das narrativas feitas pelos sujeitos da pesquisa acerca da experiência na EPTNM da RFEPCT, das visões de mundo e dos projetos de vida. Para isso, faz-se a articulação entre o arcabouço teórico deste estudo com as narrativas apresentadas pelos jovens.

A seção está dividida em 4 partes, sendo a primeira intitulada “O perfil dos sujeitos da pesquisa”, em que são descritas as principais características dos participantes deste estudo de modo a auxiliar a análise à luz da teoria que abarca esta dissertação. Na sequência, aborda-se “RFEPCT: um campo de possibilidades já conhecido por jovens de classe média”, no qual é identificada uma realidade diferente de muitos estudantes, inclusive daqueles estudados por Simões (2019). Além disso, discorre-se sobre “As visões de mundo de jovens de classe média da RFEPCT”, seção em que são apontadas as perspectivas acerca da realidade à volta dessa parcela. Por fim, tem-se “Projetos de futuro de jovens de classe média: antes e depois da RFEPCT”.

Salienta-se que a forma com que se conduziu a análise assemelha-se, em termos didáticos, às realizadas por Velho (1999). A partir disso, é válido pontuar que, assim como os participantes do estudo do autor, os sujeitos desta pesquisa são jovens oriundos de classes média, que, devido à boa estrutura familiar e socioeconômica, apresentam o privilégio de dedicar-se exclusivamente aos estudos, sem precisar trabalhar ou se preocupar com problemas de qualquer tipo, além de terem disponibilidade e recursos para se dedicar a atividades de lazer.

Outro fator que merece ser destacado é que os sujeitos desta pesquisa passaram, também, por conflitos descritos por Velho (1999), como notas baixas, apesar de terem estudado muito. Outros dilemas similares foram as dificuldades na adaptação ao ambiente do CEFET-MG e a insegurança quanto ao futuro após a saída dessa instituição. Contudo, os sujeitos participantes desta pesquisa, ao se estabelecer uma relação com os jovens beneficiados pela Lei de Cotas, estudados por Simões (2019), têm vidas muito tranquilas, pois, se fracassarem em seus projetos profissionais ou acadêmicos, poderão ser amparados por suas famílias, inclusive profissionalmente.

3.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa

Ao delinear o perfil dos jovens de classe média da EPTNM DA RFEPCT, notam-se algumas características que, de certa forma, ratificam dados encontrados no tocante às visões de mundo e aos projetos de vida dos sujeitos desta pesquisa. Nesse sentido, é importante frisar, inicialmente, que todos eles tinham entre 20 e 21 anos quando entrevistados, tal como mostra o Quadro 1, no qual há, também, informações acerca da autoidentificação da classe social da juventude em questão, tipo de escola que frequentou, bem como a situação atual em que se encontra.

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos participantes

Sujeitos participantes	Idade	Autoidentificação da classe social	Tipo de escola	Situação atual
Helena	20 anos	Média para alta	Privada	Dedica-se aos estudos
Adelita	Não revelada	Média alta	Privada	Cursa Medicina
Bill	21 anos	Média alta	Privada	Cursa Ciências da Computação
Nathan	21 anos	Média alta / média baixa	Privada	Cursa Medicina veterinária
Micaela	20 anos	Não declarada diretamente	Privada	Faz cursinho pré-vestibular
Lina Bo Bardi	20 anos	Estável	Privada	Cursa Arquitetura

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir do Quadro 1, percebe-se que os seis jovens, por pertencerem à classe social média alta, frequentaram a rede privada de ensino e a maioria já se encontra no ensino superior. Aqueles que ainda não foram aprovados no vestibular ou no ENEM contam com suporte familiar para que possam seguir com os estudos.

De fato, é bem verdade o que apontam Kopper e Damo (2018) quanto às realizações educacionais de quem pertence à classe média quando se observa que todos os participantes desta pesquisa frequentaram a escola privada. Isso também pode ser verificado quanto a situação atual dos jovens, em que a maioria já se encontra na faculdade, comprovando, assim, a ideia dos autores.

Outro aspecto observado é que os estudantes que ainda não entraram no ensino superior (Micaela e Helena) apresentam apoio dos pais para se dedicarem aos estudos, subsídio este esperado pela classe social, como bem apontam Kopper e Damo (2018).

Vale salientar, além disso, a atuação profissional dos pais dos jovens, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Perfil dos pais dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos participantes	Pai	Mãe
Helena	emprego com um bom salário apesar de não ter a mesma estabilidade que a mãe.	professora universitária
Adelita	dono da empresa da família	dona de casa e colaboradora da empresa da família
Bill	-	-
Nathan	proprietário de uma microempresa	vendedora em uma loja de piscinas
Micaela	médico e professor universitário	-
Lina Bo Bardi	Engenheiro Florestal	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Constata-se que, pelo menos, um dos pais dos jovens apresenta um cargo de prestígio, com exceção do caso do Bill, quem não revelou com o que os progenitores trabalham. Acerca disso, Kopper e Damo (2018) destacam que *status* ocupacional é outro fator determinante para classificar um sujeito pertencente à classe média. Médico, professor universitário, dono de empresa e engenheiro tratam-se de atuações renomadas socialmente. Considerando que os jovens estavam permeados por essa feliz condição, pode-se, realmente, identificá-los como um seletor grupo pertencente à classe média.

Ainda a respeito do perfil dos sujeitos desta pesquisa, vale aludir, novamente, à ideia de Kopper e Damo (2018), para os quais os níveis de escolaridade estão totalmente relacionados à renda dos indivíduos da classe média. Percebe-se que a mãe de Helena, por exemplo, é professora universitária; o pai de Micaela é médico e professor universitário e o progenitor de Lina é engenheiro florestal. Essas atuações indicam que eles apresentam ensino superior completo e, possivelmente pós-graduação, como é o caso da mãe de Helena, quem, segundo a narrativa da jovem, fez doutorado. No tocante a esta

informação, os demais participantes do estudo não revelaram se os pais apresentavam ensino superior.

3.2 RFEPCT: um campo de possibilidades já conhecido por jovens de classe média

No tocante ao percurso na RFEPCT, segundo os sujeitos-participantes, a experiência lhes propiciou encontros e perspectivas. Todos os entrevistados afirmaram que existia certo “senso de comunidade” entre os alunos, independentemente de classe social, existindo apenas alguns grupos que eram mais próximos por questões de cursos, estilo de vida ou algo similar. Essa questão relaciona-se ao trabalho de Velho (1990), pois, na pesquisa, o autor apontou que algumas redes englobaram parte dos entrevistados, visto que alguns deles compartilhavam a mesma sala de aula, por exemplo. O lugar de vivência dos sujeitos de pesquisa, no caso, o CEFET-MG, fornecia esse acolhimento, onde, mesmo tendo vivências muito diferentes, os alunos tinham relações amigáveis.

Ao analisar as entrevistas, é perceptível que o ingresso no CEFET-MG teve muita contribuição para o aumento de poder decisório dos sujeitos de pesquisa. A título de ilustração, pode-se mencionar o caso da aluna Micaela, que, até seu ingresso no CEFET, não tinha clareza sobre seus projetos de futuro, inclusive a instituição onde cursou o ensino médio foi escolhida por sua mãe. Após o ingresso no CEFET, aumentou, de forma significativa, seu senso de autonomia. E o mesmo ocorreu com os outros entrevistados, uma vez que afirmam que ainda estão a se descobrir, pois, com o ingresso no CEFET, suas possibilidades acadêmicas e profissionais aumentaram. Sendo assim, fica claro que os sujeitos desta pesquisa já apresentavam um campo de possibilidade, o qual foi ampliado com a chegada ao CEFET.

Esse aspecto demonstra a diferença substancial entre os alunos de classe média e os demais, inclusive os cotistas, estudados por Simões (2019), pois, dado todo o contexto socioeconômico que os cerca, não têm oportunidades.

Revisitando a literatura, percebe-se que campo de possibilidade, segundo Ferro (2011), é a imaginação de algo que se goste. Com base nisso, diante das narrativas, é claro que os sujeitos desta pesquisa, mesmo antes de entrarem no CEFET, já demonstravam interesse por determinados assuntos. A Helena, por exemplo, afirma que os pais sempre abraçaram tudo o que ela quis fazer, propiciando-lhe curso de inglês, de espanhol. Além disso, a jovem afirma

que o ingresso na UFMG foi a realização de um sonho, ou seja, fazia parte do campo de possibilidade, afinal, sem dúvida, a garota almejava isso.

No caso de Adelita, ao entrar no CEFET, conseguiu ter novas experiências e foi aí que ela descobriu o basquete, isto é, o esporte em questão passou a ser um campo de possibilidade propiciado pela instituição. A ideia de entrar no CEFET partiu dela mesma e foi ela também que teve a iniciativa de buscar informações, inclusive para se inscrever no processo seletivo, fato que demonstra que entrar no centro educacional fazia parte do campo de possibilidade da jovem. Estar no CEFET alavancou a autoestima de Adelita. Em outras palavras, nota-se que a garota tinha autoestima, mas esta foi apenas desenvolvida na instituição a partir das experiências obtidas em tal espaço. Essa questão se difere dos sujeitos da pesquisa de Simões (2019), haja vista que o público estudado pelo autor, cotistas, passou a ter autoestima ao chegar ao CEFET.

O jovem Nathan, mesmo antes de entrar no CEFET, já via a escola como um espaço de crescimento, de campo de possibilidade. A chegada do garoto à instituição não partiu, inicialmente, dele, pois não conhecia o centro educacional. O interesse apareceu depois que alguns amigos que estavam fazendo o PRÉ-CEFET lhe contaram que a instituição se tratava de uma escola pública de excelente qualidade, passando após esse diálogo a ser um campo de possibilidade para o menino.

Micaela, por sua vez, não tinha perspectiva do que queria ser quando crescesse. Analisando a narrativa da jovem, sugere-se que essa incerteza se dá em razão dos pais da garota, os quais falavam que faria medicina; já a sociedade falava que ela precisava ganhar dinheiro. Já Lina sempre teve vontade de cursar arquitetura e gostou dessa área desde criança mesmo sem referências na família, ou seja, tratava-se de um campo de possibilidade na vida da jovem. A jovem, ao longo da vida, teve muitas oportunidades de crescimento pessoal e de projeção de futuro, ora pelos pais que sempre incentivaram a realização de atividades extracurriculares, ora pelos lugares onde frequentava. Um ponto que merece destaque sobre Lina é que, ao entrar no CEFET, seu campo de possibilidade foi ampliado, visto que a jovem passou a cogitar construir casas economizando materiais, poque, dessa forma, estaria provocando menos impacto ambiental. Tal como fica claro neste discurso:

Também, se eu reformar uma casa popular e cobrar um valor mais acessível ou, até mesmo, nem receber, já é algo que pode ajudar. É preciso pensar nisso, e antes de eu entrar no CEFET eu não possuía essa visão, porque lá é um lugar em que vemos bastante sobre isso, sobre como o meu trabalho irá servir para todos.

A partir dessa fala, constata-se que a possibilidade de transformação existe para a classe média, como bem apontaram Almeida *et.al* (2018), nesse caso positiva. Isso porque, antes, Lina não pensava em ajudar a sociedade com essa iniciativa.

3.3 As visões de mundo de jovens de classe média da RFEPCT

A partir de uma concepção de visão de mundo cujo conceito é delineado por Dick, *et. al.* (2020), Menezes *et. al.* (2010), Figueiredo (2022), entende-se que se trata de uma forma de contemplação do universo ou, ainda, uma filosofia particular da vida, bem como uma definição realizada por alguém acerca do que o cerca. Frente a essa ideia e relacionando-a às narrativas dos sujeitos desta pesquisa, percebeu-se que estes, no geral, tiveram sua visão de mundo ampliada e modificada pela experiência de estar no CEFET, destacando, muitas vezes, que, por terem frequentado essa instituição, puderam sair de uma “bolha social”.

Helena, por exemplo, afirma que, depois das experiências vivenciadas no CEFET, sua visão de mundo passou a ser mais crítica, levando-a a ter consciência de todos os privilégios que apresentava, os quais não eram percebidos outrora. A jovem passa a considerar, ainda, a importância de políticas públicas assistenciais mesmo não precisando delas:

Tinham pessoas que vieram de realidade diferentes da minha, o CEFET proporcionava auxílios, e tinham amigas minhas que precisavam usar esses auxílios, e era muito importante, porque a gente precisava ficar lá o dia todo...

Adelita, por sua vez, afirma que o CEFET a fez querer defender o SUS devido ao fato de haver indivíduos que dependem do programa conforme mostra o excerto: [...] *penso em trabalhar para o SUS, porque o CEFET me trouxe essa noção de que eu preciso defender o SUS, eu preciso defender as cotas, porque tem pessoas que precisam disso.*”. Diante da fala da jovem, fica clara a mudança de visão de mundo acerca do Sistema Único de Saúde, bem como das políticas de cotas. Em outra ocasião, a garota diz que percebeu, com a experiência de estar no CEFET, a existência de pessoas que não apresentam subsídios financeiros – “*Todo mundo disse que iria (a um desfile), e uma amiga disse que não, pois não tinha dinheiro para pagar a passagem de ir e voltar [...] nesse dia, eu percebi que tem gente que não tem!*”. Ou seja, é nítida a modificação da forma de contemplação do mundo à sua volta.

Nessa mesma direção, Bill afirma que a sua visão de mundo, com a experiência de estar no CEFET, foi alterada em razão de conviver com estudantes de diversas classes, culturas e etnias diferentes. O jovem destaca que essa interação o fez perceber que o processo de

aprendizagem ainda é defasado para muitos alunos que não conseguem desfrutar de uma trajetória semelhante à sua.

Vale pontuar que, para Nathan, existiam privilégios até mesmo dentro dos grupos dos cotistas, pois parte deles apresentava um melhor nível financeiro e mais acessibilidade se equiparados a outros alunos.

Em se tratando da visão acerca da configuração da escola, Micaela diz que a experiência no CEFET a fez ter uma outra visão de mundo ao se deparar com a liberdade e a autonomia presentes no cotidiano das aulas, elementos não observados em outras instituições - *“No CEFET, a gente podia jogar baralho entre os intervalos e a gente fazia amizades com os estudantes das outras turmas, o que não acontecia na minha antiga escola. Lá, a gente não precisava ir de uniforme, então eu ia de roupa esportiva”*. Ainda em relação à visão de mundo no tocante à escola, para Lina, o CEFET agregou muito em sua visão de mundo, fazendo-a perceber a importância de uma educação de qualidade.

No geral, a experiência de estar no CEFET permitiu aos jovens desenvolverem um olhar para além da própria realidade. Lina, por exemplo, afirma que ela passou a ser sensível às questões sociais, o que interferiu positivamente em sua visão de mundo e em seu projeto de vida.

3.4 Projetos de futuro de jovens de classe média: antes e depois da RFEPCT

Levando em conta que projetos de vida, segundo Velho (2003), requerem do sujeito os sentimentos de desejo e de fantasia, bem como da subjetividade, fica evidente que, sem campos de possibilidades, tal elemento não existirá. Os sujeitos desta pesquisa deixam claro, diante das narrativas, que chegaram ao CEFET já com uma sensação de empoderamento dada a realidade de privilégios em que estavam, e estão, inseridos. Ao analisar as falas de cada jovem quanto aos projetos, chegou-se a estas expectativas:

Quadro 3 – Expectativas dos sujeitos em relação ao coletivo

Sujeitos-participantes	Expectativa
Helena	[...] É difícil ter uma perspectiva de futuro até para a gente que está na faculdade. Às vezes eu penso: será que quando eu me formar, eu vou ter emprego?
Adelita	A educação é um ponto que eu sempre defendo, pois foi um ponto de virada em minha vida [...] Eu acredito que isso pode ajudar muita gente. Mas, eu sei que esse acesso é muito pequeno e muito escasso e, por isso, precisa ser melhorado para o mundo ser um pouquinho melhor!
Bill	[...] O jeito que a sociedade está estruturada agora não dá suporte para essas pessoas de forma alguma. Isso é o que me machuca bastante, eu gostaria que isso mudasse [...]
Nathan	[...] Gostaria que essas pessoas tenham a condição de fazer, o que para nós, é um privilégio. Quero que tenham condições de comer as melhores comidas, ter a alimentação garantida, uma casa boa para morar, e poder viajar.
Micaela	[...] gostaria que o Brasil tivesse uma condição mais igualitária, porque eu acho que, por mais que sejamos diferentes, a gente tem que ter condições parecidas.
Lina Bo Bardi	[...] queria que as pessoas parassem de construir prédios e olhassem a quantidade de prédios que têm na cidade e a quantidade de pessoas que têm na rua.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base na fala dos participantes, nota-se que todos eles demonstram inquietude em relação à condição de pobreza de parte da sociedade. A Helena, por ter a experiência de andar de ônibus e por presenciar casos em que indivíduos optam por entrar por trás do veículo devido ao fato de não terem dinheiro, não consegue traçar um desejo em relação às pessoas necessitadas. Lina chegou à conclusão de que o futuro é incerto até mesmo para ela.

Diante dessa postura, nota-se que a fala de Velho (1999) quanto à experiência de conviver com diferentes grupos possibilitar a chance de haver alteração no campo de possibilidades encontra respaldo nesta pesquisa. Isso porque, por terem contato com outras classes sociais, os jovens de classe média se sentiram sensibilizados a ponto de

desejarem transformar a realidade à volta deles. Com base nisso, percebe-se que, de fato, há experiências que possibilitam aos envolvidos vivências com outras classes e, conseqüentemente, interferência e, até mesmo, mudança, na forma que os sujeitos concebem o mundo, como foi o caso dos sujeitos desta pesquisa.

Em relação às expectativas dos jovens no tocante ao próprio futuro, é nítido que todos eles apresentam o projeto de vida bem delineado, considerando, até mesmo, mais uma possibilidade, tal como evidencia o Quadro 4.

Quadro 4 – Expectativas dos sujeitos em relação ao próprio futuro

Sujeitos participantes	Expectativas
Helena	[...] atuar como farmacêutica em algum momento da vida. Porém, pensa que, hoje em dia, tudo está mais complicado e concorrido.
Adelita	[...] formar-se na faculdade. A jovem pretende se dedicar muito aos estudos e manter a mesma concentração e disciplina que costumava ter no CEFET.
Bill	[...] Eu queria trabalhar na área de desenvolvimento, eu sei as projeções do mercado, mas esse é um mercado que evolui muito rápido.
Nathan	[...] continuar na universidade, concluí-la e experimentar as áreas da medicina veterinária para conseguir escolher qual especialização seguir.
Micaela	[...] eu posso ser uma professora que, quando uma criança precisar, eu posso conversar com os pais e tentar ajudá-la.
Lina Bo Bardi	[...] Eu quero seguir o caminho de organização de cidades, mas depois disso quero ser professora de Arquitetura.

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao considerar que o projeto, à luz de Velho (2003, p. 103), é uma forma “[...] de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos [...], maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo”, vê-se que os sujeitos da pesquisa tentam, de fato, negociar o contexto atual. Isso é evidente nas falas mencionadas o Quadro 4.

Os sujeitos de classe média desta pesquisa, semelhantemente aos do estudo de Simões (2019), demonstram interesse em aproveitar as oportunidades para dar sequência aos estudos. No caso dos cotistas, eles pensavam dessa forma na tentativa de serem melhores do que os seus familiares. Em se tratando do grupo pertencente à classe média,

a intenção é transformar a realidade à sua volta, uma realidade que abarca, até mesmo, as pessoas que se beneficiam das políticas de cotas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa que buscou examinar a interseção entre os projetos de vida e os campos de possibilidades dos sujeitos estudantes da EPTNM de classe média, traçaram-se três objetivos, a saber: localizar, no discurso dos sujeitos da pesquisa, lembranças e interpretações referentes às experiências formativas no âmbito da EPTNM da RFEPCT; identificar elementos constituintes da visão de mundo e do projeto de vida dos sujeitos da pesquisa e analisar os nexos entre visão de mundo, projeto de vida e o lugar atribuído à EPTNM da RFEPCT como campo de possibilidades.

No tocante às lembranças e às interpretações referentes às experiências formativas no âmbito da EPTNM da RFEPCT, notou-se que os seis jovens veem a instituição como um lugar importante para seu desenvolvimento intelectual e pessoal. Todos eles destacaram o papel transformador que a instituição apresentou na vida deles, além de lhes propiciar a ampliação da visão de mundo, a qual fazia parte, também, do propósito da pesquisa. Em relação à contemplação do universo dos jovens, participantes desta investigação, verificou-se ainda que todos eles foram sensibilizados a se incomodarem com os problemas sociais que assolam a nação, fazendo-os sair, como os sujeitos afirmaram nas narrativas, de uma bolha social que os impedia de ver essas questões antes.

Essa nova perspectiva dos jovens os fez traçar novos projetos, pensando na sociedade em geral, conforme foi apontado no Quadro 3, em que é possível observar as expectativas dos sujeitos em relação ao coletivo. Levar em conta a necessidade do outro revela o papel social do CEFET para formação plena dos estudantes, os quais saem da instituição, por conta própria, pensando em proporcionar melhorias à sociedade.

Nesse sentido, percebe-se que foi possível identificar as experiências dos sujeitos-participantes deste estudo por intermédio das narrativas deles sobre seus percursos na EPTNM da RFEPCT. Apesar de o contato com a educação não ser sinônimo de êxito profissional ou, até mesmo, de convicção de que os objetivos traçados por eles serão alcançados, o ensino é uma ferramenta que pode ajudá-los a ampliarem o campo de possibilidades, tal como mostra esta pesquisa

Constatou-se, também, que as experiências vividas pelos jovens no CEFET-MG os fizeram mudar a forma de se ver e de conceber o mundo. Houve transformações significativas no tocante à autonomia, à autoimagem e à autoestima, aspectos esses também pontuados por Simões (2019). Além disso, os sujeitos tiveram a oportunidade de participar mais ativamente do processo de ensino e de aprendizagem, passando a se envolver em discussões e em debates políticos realizados em sala de aula, experiências estas não encontradas pela maioria deles em outras instituições escolares que frequentaram.

Tal fato ficou evidente quando os participantes desta pesquisa relataram experiências no Centro Educacional, como pontuado por Helena:

o CEFET proporcionava auxílios, e tinham amigas minhas que precisavam usar esses auxílios, e era muito importante, porque a gente precisava ficar lá o dia todo, e é difícil trabalhar estudando no CEFET. Então, esses auxílios eram importantes para quem está lá. Eu nunca precisei, mas acho que faz toda a diferença.

Tais arestas incluem, além de auxílios estudantis, como o fornecido pelo CEFET, incentivo ao apoio familiar, maior empregabilidade, entre outras iniciativas. Em se tratando do aluno de classe média, não há tantos percalços, haja vista o contato com a educação particular e integral desde muito cedo, a não necessidade de trabalhar, pois os próprios pais lhe recomendam que somente estudem. Além de todo esse suporte, muitas vezes, esse jovem, ao terminar os estudos, trabalhará em negócios da família, realidade bem destoante do aluno cotista, estudado por Simões (2019) que, muitas vezes, após o término dos estudos e com posterior inserção no mercado de trabalho, precisa ajudar economicamente seus familiares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla Cristina Rosa de; LIMA, João Policarpo Rodrigues; GATTO, Maria Fernanda Freire. **Inserção digital e desigualdades na demanda por cultura no Brasil**. Nova Economia, v. 29, p. 1221-1247, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/neco/a/CGH35CjVFStZ8bf9mRs7NXf/?format=html>> Acesso em: 10.set.2022.

ALMEIDA, Caroline Soares de et al. **Do sonho ao possível: Projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191267>>. Acesso em: 09.fev.2023.

ANNA, Mar (2019). **6 Characteristics of the Last Man**. Disponível em: <[6 Characteristics of the Last Man - Simplicable](#)>. Acesso em: 15.jul.2022.

ANDRADA Paula Costa de; OLIVIEIRA, Marina Conceição de; CRUZ, Pâmela Suelen Gama da; CORREIA, Cristiane Moura Ribeiro; PAIVA, Michele de. **O desinteresse dos alunos de ensino médio pela escola na atualidade**. Disponível em: <<https://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/download/216/167/417>>. Acesso em 22.mar.2023.

BARBOSA, E. e Souza, V. L. T. (2015). **Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Psicologia: Ciência e Profissão**. Volume 35 nº(2), 255- 270. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282039481002.pdf>>. Acesso em: 13.jul.2022.

BARBOSA, E. T. (2017). **Os donos da imaginação: a contação e produção de histórias promovendo o interesse e a participação de adolescentes em atividades escolares (Tese de doutorado)**. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Campos de Experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo**. Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas: Leitura crítica, 2015. P. 185-198, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214373/000987204.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09.fev.2023.

BRASIL (Lei: 12.711/2012). **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 26.mai.2022.

CAMPOS, Rosânia; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **BNC e educação infantil-Quais as possibilidades?** Retratos da Escola, v. 9, n. 17, 2015. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/585>>. Acesso em: 09.fev.2023.

CARVALHO, Jussara Carniele de. **Relação família e escola: entre os limites e as possibilidades.** Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32192/1/TCC%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20fam%C3%ADlia%20x%20escola.%20vers%C3%A3o%20final%20CD%20pdf.pdf>>. Acesso em 22.mar.2023.

COELHO, Sara Miranda de Abreu. **Classe média no Brasil: formação histórica e particularidades ideológicas.** 2019. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/25736>>. Acesso em: 10.set.2022.

DANIEL, Lindomar Pegorini. **A influência do mercado de trabalho e do background familiar para o avanço entre níveis escolares no Brasil.** Revista de Estudos Sociais, v. 20, n. 40, p. 24-41, 2018. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/5420>>. Acesso em: 10.set.2022.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407–423, maio/jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302016000200407&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7.mai.2018.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1.105–1.128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9.abr.2018.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf>>. Acesso em: 28.mai.2022.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo Cesar. **Os jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo.** [S.I.]: Em Diálogo, 2003. Disponível em: <http://www.emdiálogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DE AZEVEDO NETA, Shirley Lima; DE CASTRO, Denise Leal. **Teorias da aprendizagem: fundamento do uso dos jogos no ensino de ciências.** Revista Ciências & Ideias ISSN: 2176-1477, v. 8, n. 2, p. 195-204, 2018. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/641>>. Acesso em: 28.mai.2022.

DE GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades.** Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, n. 10, 2011.

Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/download/13898/10222>>. Acesso em: 09.fev.2023.

DICK, Ana Paula et al. **Saídas de campo: uma possibilidade para o ensino de matemática**. Research, Society and Development, v. 9, n. 1, p. e41911563-e41911563, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1563>>. Acesso em: 09.fev.2023.

DREBES, Laila Mayara. **Projeto de Juventude rural, campo de possibilidades e migração: um estudo documental do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR)**. Revista Monografias Ambientais, p. 4087-4098, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/remoa/article/view/15036>>. Acesso em: 09.fev.2023.

FERRO, Lígia Sofia Alves Passos. **Da rua para o mundo: configurações do graffiti e do parkour e campos de possibilidades urbanas**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4223>>. Acesso em: 09.fev.2023.

FIGUEIREDO, Cláudia Castanheira de (Ed.). **A psicologia ampliando a visão de mundo das e para as coletividades**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 34, p. e56505, 2022. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/fractal/a/BgDjQt9vd8TdTySfjgYFPtG/?lang=pt>>. Acesso em: 09.fev.2023.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades**. 2000. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/topoi/a/qYfWNDP64xCJ3WrHRywVqVy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 09.fev.2023.

HOBBSAWM, Eric. **'Die Englische Middle Class, 1780-1830'**, em Jürgen Kocka, ed., Bürgertum im 19. Jahrhundert, vol. 1, Munique 1988, p. 79.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Em 2021, rendimento domiciliar per capita cai ao menor nível desde 2012**. Agência IBGE Notícias, por Caio Belandi, 2021. Disponível em: <[Em 2021, rendimento domiciliar per capita cai ao menor nível desde 2012 | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](#)>. Acesso em: 10 de set.2022.

MILL, James. **'Ensaio sobre o Governo'** – 1829., citado por Hobsbawm, 'Die Englische Middle Class', p. 81.

KOPPER, Moisés; DAMO, Arlei Sander. **A emergência e evanescência da nova classe média brasileira**. Horizontes Antropológicos, v. 24, p. 335-376, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/8XHDS446RHbBpKBDkgP3xKx/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 10 de set.2022.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Ed.; Ed. PUC Rio, 2006.

LOIOLA, José Roberto Alves. **A teologia de gestão, neopentecostalíssimo e a nova classe média: Um estudo de caso**. Paco e Littera, 2021. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=FFIXEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT34&dq=a+especializa%C3%A7%C3%92o+em+teologia+de+gest%C3%A3o>>.

A3o+trabalhista+para+a+classe+m%C3%A9dia&ots=BrEl3msO12&sig=tZu_6DpqrfanIk5Qhr6kWWYPVRE>. Acesso em: 10 de set.2022.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; FERREIRA, Danielle de Farias Tavares. **Escola e movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude**. ETD Educação Temática Digital, v. 12, n. esp, p. 83-106, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1676-25922010000400083&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09.fev.2023.

OLIVEIRA, C. R. (2017). **A indiferença de estudantes de ensino médio pelo conhecimento escolarizado: reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

PIMENTA, Emelyn Mariana. **Trabalho infantil, educação e classe média na primeira república**. 2018. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2213>>. Acesso em: 10 de set.2022.

POLOTO, Lucilene. Um perfil da escola pública: a ideologia da prática pedagógica. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_lucilene_poloto.pdf>. Acesso em 22.mar.2023.

RODRIGUES, Lucas Albano. **Documentário audiovisual: a força da classe média na política brasileira**. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/65788>>. Acesso em: 10 de set.2022.

SIMÕES, Aldo Geraldo. **Projeto de futuro de jovens da educação profissional técnica de nível médio da rede federal de educação profissional científica e tecnológica atendidos pela lei n.º 12.711/2012 (lei das cotas)**. CEFET-MG, 2019. Disponível em: <<https://sig.CEFETmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2324766&key=d7b052d803c9a7be55d4b79eab2e1988>>. Acesso em: 26.mai.2022.

SOUZA, Ilma farias de. **As diferenças individuais na sala de aula**. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-diferencas-individuais-sala-aula.htm>>. Acesso em 22.mar.2023.

TAVARES, Túlio José da Silva. **Existe seleção de perfis de estudantes na rede pública? Um estudo de caso sobre o perfil do alunado de uma escola de Niterói – RJ**. Revista Discente Planície Científica, Campos dos Goytacazes – RJ v. 3, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/52085/31423>>. Acesso em 22.mar.2023.

TOCQUEVILLE, Alexis de Souvenirs (1855), citado de Peter Gay, *Schnitzler's Century*, New York 2002, p. 14.

VELHO, G. **Destino e projeto: uma visão antropológica**. In: PRADO, Eduardo (Org.). Destino. Cidade: Terceira Margem, 1988.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

VIEIRA, Ana Flávia Braun; DE FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo. **A influência do jornalismo na constituição dos fundos sociais de conhecimento: o caso de Monte Alegre-PR**. Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade, v. 8, n. 17, p. 345-364, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12697>. Acesso em: 28 mai.2022.

APENDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

BIOGRAFIA E MEMÓRIA

Queria que você fizesse uma **breve apresentação de si** (quem é você), quais principais **acontecimentos** que considera importantes em sua vida, sua **trajetória escolar** antes e durante sua entrada no ensino médio do CEFET.

O que você está fazendo atualmente? Estuda? Trabalha?

Você considera que ao longo de sua vida lhe foram abertas **oportunidades** de crescimento pessoal e de futuro? Quais? Em quais áreas?

O que você considera/percebe que tem **restringido ou estimulado suas oportunidades** de crescimento pessoal e de futuro?

Até o momento houve algum evento significativo que você destacaria que enfrentou em sua história de vida? Sente que foi **privado (a) ou privilegiado** por alguma coisa?

Como você avalia a **trajetória e a condição socioeconômica** de sua família? Como você situa a condição econômica de sua família? (Ou em que classe social você enquadra sua família: alta, média, baixa?) Se pudesse ilustrar com um gráfico de linha, como você representaria a trajetória socioeconômica de sua família?

Agora eu gostaria de conversar com você sobre a **ESCOLA**. Sobre a INSTITUIÇÃO ESCOLAR de maneira geral. O que a escola representa para você? Como você vê a escola em sua vida?

Como você avalia sua **trajetória escolar**? Se pudesse ilustrar com um gráfico, como a representaria?

Você fez ensino fundamental em escolas particulares. No ensino médio você foi para uma escola pública federal. De quem ou de onde partiu a ideia para estudar no CEFET?

Por que razão você escolheu o CEFET? O que veio buscar aqui?

Como você avalia essa sua **passagem da escola privada para a escola pública**?

CAMPO DE POSSIBILIDADES DA RFEPT E EXPERIÊNCIAS NA EPTNM

O que foi possível viver/experienciar no ensino médio integrado no CEFET?

Estar no CEFET exigiu alguma **mudança em sua vida**, SEUS TEMPOS DE VIDA, ritmos etc.?

Houve alguma alteração em sua rotina? Como era e como ficou?

O fato de ser aluno(a) do CEFET mexeu com sua autoestima? Sentiu-se mais valorizado(a)?

Quais as oportunidades/experiências mais significativas você viveu no ensino médio integrado do CEFET??

O que o CEFET trouxe de diferente para seu **projeto de vida**? O que viveu de novidade neste ambiente? O que lhe chamou mais atenção ou o que você estranhou? O que decepcionou? Agradou?

Você considera que algo mudou a partir da **experiência escolar no CEFET**? Que mudanças?

Quais experiências você acredita que lhe favoreceram essas mudanças?

Você conheceu diversos colegas oriundos de outras escolas, de outra condição social e com formação cultural diferente da sua. Como se deu essa relação ou essa convivência com os diferentes?

Houve alguma experiência desagradável durante seu tempo no CEFET? Algum conflito?

Como se sentiu (social, econômica e academicamente) em relação aos demais colegas?

Fez novas **amizades ou convivências** na escola? Alguém entre seus convivas é de um círculo social, cultural ou étnico diferente do seu?

Você enfrentou alguma dificuldade para concluir seus estudos? Qual?

PROJETOS DE VIDA

Agora eu queria falar com você sobre seus projetos pessoais de futuro.

Quando você estava concluindo o ensino médio no CEFET você já sabia o que caminhos queria seguir? Você tinha projetos pessoais ou de trabalho? Quais?

Quais são seus planos e projetos para o curto, o médio e o longo prazo? Há alguma ordem de prioridade entre seus projetos?

Com o que pretende trabalhar? Em qual profissão? Conhece o campo de ação desta profissão?

Sente que seu projeto de vida contraria alguém da família?

Sente alguma pressão/cobrança familiar para realizar algo relativo a seu projeto de vida?

Sente-se livre para realizar as suas escolhas com relação às projeções?

O que pensa/acredita ser o maior obstáculo para realizar seu projeto de vida?

Só mais duas questões sobre seus sonhos e valores que você considera importantes.
Como você gostaria que a condição humana e a condição social dos indivíduos fossem no futuro? Você tem sonhos de um mundo diferente?

Que valores você considera importantes em sua vida?

APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto CAAE: 57597521.1.0000.8507, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 29 de agosto de 2022.

Prezado(a) _____

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de renda média que cursaram a educação profissional técnica de nível médio na RFEPCT”

Este convite se deve ao fato de você ser jovem egresso de renda média oriundo de escola privada que cursaram, na forma integrada, a EPTNM na RFEPCT, o que seria necessário para o andamento da pesquisa sendo o critério de inclusão e os demais jovens egressos que não fazem parte desse perfil se tornam então discordantes do sendo os então excluídos da amostra.

A) pesquisadora responsável pela pesquisa é Liege Aparecida Costa Alvim, RG MG14327926, aluna de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS, sob a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa.

A pesquisa refere-se a:

O objetivo do estudo é compreender o que esses jovens falam da experiência vivida por eles em uma escola pública federal, técnica e tecnológica, composta por um alunado relativamente diversificado, com uma cultura escolar distinta da escola privada por onde passaram e como esse ambiente afeta suas visões de mundo e seus projetos de vida.

A finalidade é contribuir para avanço nos debates e desenvolvimento de propostas e estratégias institucionais de acolhimento, apoio e orientação de jovens na elaboração de seus projetos de vida, de modo a equalizar as expectativas e possibilidades concretas dos atores envolvidos.

A pesquisa contará, inicialmente, com a fase teórica em que se desenvolverá os conhecimentos prévios da temática para que, em seguida, possa ser desenvolvida a pesquisa de campo e entrevista com o público de estudantes específicos para, então, quantificar e qualificar as respostas das entrevistas, conectando pesquisa de campo e teoria.

Cada entrevista será realizada com base em um roteiro semiestruturado que dará origem a um texto transcrito. Com base no texto transcrito e nas categorias, serão elaboradas narrativas que trarão à tona as experiências individuais, seus significados e as relações com os projetos de vida e as visões de mundo.

Solicito a sua colaboração para conceder entrevista online, com previsão de duração entre 60 e 80 minutos, bem como para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Educação e em periódicos científicos. Por ocasião da publicação dos resultados, a identidade dos colaboradores será mantida em sigilo.

Solicitamos a autorização para participação, respondendo algumas perguntas por meio de entrevistas. Os possíveis riscos envolvidos nessa pesquisa, são mínimos. Durante a entrevista, consideramos o risco de ordem psicológica, emocional e intelectual, há a possibilidade de constrangimento, desconforto, medo, vergonha, estresse e/ou cansaço. Por abordar a temática de projeto de vida pode ocasionar algum desconforto relacionado à ansiedade dos jovens durante as entrevistas, devido às incertezas e inseguranças comuns a essa fase da vida e também quanto ao tempo de duração da entrevista. Porém, caso isso venha a ocorrer, faremos a interrupção imediata da entrevista, encaminharemos e acompanharemos o(a) entrevistado(a) ao setor psicossocial que a escola dispõe para que tenha o atendimento necessário para seu restabelecimento emocional.

No decorrer da pesquisa, apesar do máximo esforço da pesquisadora para evitar, há o risco de quebra de sigilo e de anonimato dos participantes da pesquisa. De todo modo, a pesquisadora se compromete a fazer o possível para evita-los, inclusive fará uso de codinomes no desenvolvimento da pesquisa. Visando mitigar ou ao menos minimizar os riscos listados, agiremos de modo a dar suporte aos alunos ao longo de toda a atividade, bem como trabalhar para garantir seu conforto e bem-estar. Para isso, nos comprometemos a acompanhar os processos de forma atenta, pronta para interromper as atividades caso perceba qualquer desconforto por parte dos alunos, além disso, estaremos a postos para sanar qualquer dúvida, respeitando o tempo e as necessidades específicas de cada aluno. Informamos que esta pesquisa,

O benefício indireto é avançar no debate e desenvolvimento de propostas e estratégias institucionais de acolhimento, apoio e orientação de jovens na elaboração de seus projetos de vida (carreira, profissional), de modo a equalizar as expectativas e possibilidades sem desconsiderar desejos e realidades dos atores envolvidos. Não há benefícios diretos.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/12 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;

A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza;

A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados, a menos que você autorize explicitamente o contrário;

O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou a interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado à sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;

O acesso aos resultados da pesquisa;

O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;

A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;

O acesso a este Termo.

A pesquisa é de base qualitativa focalizada e individual, por meio de entrevista através de um roteiro semiestruturado de forma online, portanto, recorre ao ambiente virtual para a coleta de dados. O instrumento de pesquisa utiliza a plataforma google meet, da empresa Google. A plataforma e a empresa têm uma boa reputação, mas o(a) pesquisador(a) responsável não tem controle de como a empresa Google utiliza os dados que colhe dos participantes que respondem aos dados solicitados para acesso. A política de privacidade da empresa está disponível em <https://support.google.com/a/answer/7582940?hl=pt-BR>. Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa Google quanto à proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando responder o e-mail com todas as orientações

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para coleta de dados, o(a) pesquisador(a) responsável assegura que:

O TCLE depositado no Comitê de Ética tem a mesma formatação utilizada para visualização dos participantes da pesquisa.

Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.

O TCLE é apresentado anteriormente ao acesso a entrevista, contendo uma descrição do seu conteúdo que lhe permita avaliar e dar, ou não, o seu consentimento para participação na pesquisa.

Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa.

Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do e-mail liegealvim@hotmail.com. Nesse caso, a pesquisadora responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.

A pesquisadora responsável fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro do instrumento gravação das entrevistas e suas respostas na Google

Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação através do endereço de e-mail: liegealvim@hotmail.com. Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento à pesquisadora responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida a pesquisadora, por e-mail: liegealvim@hotmail.com telefone 37-991201267, pessoalmente ou via postal para Rua Delfinópolis 500, bloco 3 apto 702, bairro Planalto – Divinópolis MG – cep:35501197

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.CEFETmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, nº 5855 - Campus Gameleira; E-mail: dppg-cep@CEFETmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-

3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras das 12h às 16h e às quintas-feiras das 12h às 16h.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que escolha a opção aceitar ao final deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

☐ ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pela pesquisadora.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que aceito participar da pesquisa.

Assinatura _____ do _____ participante _____ da pesquisa: _____

Assinatura _____ do _____ pesquisador: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou o TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir: _____

☐ RESULTADO DA PESQUISA
RUBRICADO.

☐ TCLE IMPRESSO E

APENDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E/OU IMAGEM (gravação com áudio)

Eu, _____, de posse do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da pesquisa intitulada “Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de renda média que cursaram a educação profissional técnica de nível médio na RFEPCT após ter ciência e entendimento quanto aos (i) riscos e benefícios que essa pesquisa poderá trazer e (ii) métodos que serão usados para a coleta de dados; e por estar ciente da necessidade da gravação AUTORIZO, por meio deste termo, que a pesquisadora Liege Aparecida Costa Alvim a gravação de voz e imagem de minha pessoa para fins EXCLUSIVOS da referida pesquisa científica e com a condição de que esse material, na sua forma original, não seja divulgado. Nessas condições, apenas o material derivado do original poderá, nos termos desta autorização, ser divulgado em meios científicos, tais como, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos em periódicos, congressos e simpósios ou outros eventos de caráter científico-tecnológico – no sentido de preservar o meu direito ao ANONIMATO e demais direitos, como definido na regulamentação ética da pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.

As gravações de voz e imagem geradas durante a entrevista qualitativa por meio de um roteiro semiestruturado ficarão sob a propriedade e a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora citada em garantir-me que:

a transcrição da gravação de minha voz me seja disponibilizada, caso a solicite;
os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas dela decorrentes;
a minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação científica das informações geradas pela pesquisa;
a utilização das informações geradas pela pesquisa para qualquer outra finalidade não especificada no TCLE somente poderá ser feita mediante minha autorização;
os dados coletados serão armazenados por 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) responsável(véis) pela pesquisa; e, após esse período, serão destruídos;
a interrupção de minha participação na pesquisa poderá ser feita a qualquer momento, sem nenhum ônus, mediante mera comunicação ao(à) pesquisador(a) responsável, que, nesse caso, deverá providenciar a devolução (e adoção de medidas condizentes com essa situação) do material relacionado a esta autorização.

Valido esta autorização assinando e rubricando este documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

_____, ____ de _____, 2022
Local e data

Nome completo do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome e Rubrica do Pesquisador Responsável

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Visão de mundo e projetos de vida de estudantes de renda média que cursaram a educação profissional técnica de nível médio na RFEPCT.

Pesquisador: LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57597521.1.0000.8507

Instituição Proponente: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.610.339

Apresentação do Projeto:

Descrito na primeira versão.

Objetivo da Pesquisa:

Descrito na primeira versão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Descrita na primeira versão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Descritos na primeira versão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Descritas na primeira versão.

Recomendações:

Descritas na primeira versão.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclusões:

1 - Incluir os riscos (adicionando o possível desconforto originado pelo tempo de duração da entrevista) e suas respectivas medidas mitigatórias no projeto de pesquisa.

"A pesquisadora incluiu o seguinte texto no projeto:

Os possíveis riscos envolvidos nessa pesquisa, são mínimos. Durante a entrevista, consideramos o risco de ordem psicológica, emocional e intelectual, há a possibilidade de constrangimento, desconforto, medo, vergonha, estresse e/ou cansaço. Ressalto que por abordar a temática de projeto de vida pode ocasionar algum desconforto relacionado à ansiedade dos jovens durante as entrevistas, devido às incertezas e inseguranças comuns a essa fase da vida e também quanto ao tempo de duração da entrevista. Porém, caso isso venha a ocorrer, faremos a interrupção imediata da entrevista, encaminharemos e acompanharemos o(a) entrevistado(a) ao setor psicossocial para que tenha o atendimento necessário para seu restabelecimento emocional.

No decorrer da pesquisa, apesar do máximo esforço da pesquisadora para evitar, há o risco de quebra de sigilo e de anonimato dos participantes da pesquisa. De todo modo, a pesquisadora se compromete a fazer o possível para evita-los, inclusive fará uso de codinomes no desenvolvimento da pesquisa. Visando mitigar ou ao menos minimizar os riscos listados, agiremos de modo a dar suporte aos alunos ao longo de toda a atividade, bem como trabalhar para garantir seu conforto e bem-estar. Para isso, nos comprometemos a acompanhar os processos de forma atenta, pronta para interromper as atividades caso perceba qualquer desconforto por parte dos sujeitos, além disso, estaremos a postos para sanar qualquer dúvida, respeitando o tempo e as necessidades específicas de cada aluno."

Pendência sanada.

2) Incluir critérios de inclusão e exclusão no projeto de pesquisa e no TCLE.

Tanto no projeto, quanto no TCLE, a pesquisadora descreveu que o critério de inclusão abrange "jovens de renda média oriundos de escolas privadas e que concluíram o ensino médio integrado ao técnico até 2019, os demais que não se aplicam a esse filtro não fazem parte dos critérios de inclusão, tornando-se assim sujeitos discordantes do perfil da pesquisa."

Pendência sanada.

3) Incluir o orçamento no projeto de pesquisa. Orçamento introduzido na página 18 do projeto. Pendência sanada.

4) Descrever a forma de obtenção dos TCLEs no projeto.

Ambos serão disponibilizados via e-mail para os convidados da pesquisa. Pendência sanada.

5) Atualizar o cronograma Cronograma atualizado. Pendência sanada.

6) Adicionar, nos TCLEs, uma breve explicação sobre o que é o CEP, sua função, bem como endereço completo, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP.

O trecho adicionado foi:

"Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida a

pesquisadora, por e-mail: liegealvim@hotmail.com telefone 37-991201267, pessoalmente ou via postal para Rua Delfinópolis 500, bloco 3 apto 702, bairro Planalto – Divinópolis MG – cep:35501197

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em:<<http://www.cep.CEFETmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, nº 5855 - Campus Gameleira; E-mail: dppg-cep@CEFETmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras das 12h às 16h e às quintas-feiras das 12h às 16h."

Pendência sanada.

7 - Esclarecer o processo de entrevista (eventual uso de gravação). Caso as entrevistas sejam gravadas, é necessário que seja incluído um termo de autorização de uso de voz e imagem, como documento, na Plataforma Brasil.

Foi adicionado essa informação ao projeto. O termo de autorização de uso de voz e imagem foram adicionados à plataforma e estão de acordo com as normas vigentes.

Considerações Finais a critério do CEP:

A pesquisadora deve atentar-se aos seguintes pontos:

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Manter os dados individuais de todas as etapas da pesquisa em local seguro por no mínimo 5 anos.
4. Apresentar relatórios semestrais e relatório final ao término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1812401.pdf	18/07/2022 22:29:54		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOVERSAOFINAL.docx	18/07/2022 22:29:08	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
Outros	pendencias.docx	18/07/2022 22:10:04	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
Outros	Termovozimagem.docx	18/07/2022 21:58:45	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	18/07/2022 21:54:50	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	18/07/2022	LIEGE APARECIDA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	21:46:24	COSTA ALVIM	Aceito
Outros	ROTEIRO.docx	28/03/2022 13:33:30	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodopesquisador.jpeg	28/03/2022 11:01:08	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoLiege.pdf	24/11/2021 13:45:25	LIEGE APARECIDA COSTA ALVIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 29 de Agosto de 2022

Assinado por: LAISE FERRAZ CORREIA
(Coordenador(a))